

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia

O LUGAR E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE:
Jovens Straight Edges Paulistanos.

HEITOR FARIA RODRIGUES

São Paulo
2015

HEITOR FARIA RODRIGUES

**O LUGAR E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: Jovens Straight
Edges Paulistanos.**

Monografia apresentada a Faculdade de Filosofia
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Bacharel em
Geografia.

Área de concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ramos Hospodar Felipe
Valverde

**São Paulo
2015**

AGRADECIMENTOS

- A Graduação da Geografia da FFLCH/USP por me abrir as portas para uma nova compreensão do mundo;
- Ao meu orientador, Prof. Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde, por aceitar esta pesquisa que encarregaria certos desafios e por toda sua paciência durante este processo. Graças a sua orientação, pude tomar caminhos que me abriram novas perspectivas dentro da Geografia;
- A todos os professores que pude ter contato durante minha graduação, em especial ao Prof. Walter Garcia da Silveira Junior (IEB/USP), por fazer eu retomar meu interesse acadêmico pela música. Aos professores Fabio Betioli Contel e Léa Francesconi por aceitarem fazer parte da banca e darem suas contribuições a esta pesquisa;
- Aos meus amigos de Graduação por suas ajudas e colaborações: José Donato, José Mario, Danilo Lisboa, Ivan Seno, Fernanda Motão e João Paulo. Aos meus companheiros de infância e parceiros de música, Fernando Arias e Henrique Starosky. As conversas sempre esclarecedoras com Fernando Lima, Fábio Coelho e, em especial, a Igor Valvassori, por fazer-me persistir na graduação;
- A toda minha família, que me deu o suporte necessário. Aos meus pais, Lourdes e Gilberto Rodrigues, por me estimularem sempre ao estudo e por me darem, com muito custo, as condições necessárias para isto. Ao meu irmão Eduardo Rodrigues, através de quem adquiri o desejo pela música, não com a mesma qualidade, mas com a mesma vontade;
- A minha namorada e companheira Cristina Assis Parada. Na Universidade, nas ideias, na vida. Sempre presente com compreensão, inteligência, amor e paciência;
- Ao punk pelo desejo de entender e buscar mudar a realidade.

RESUMO

O objetivo que permeia este trabalho é entender a importância da categoria geográfica de lugar na atualidade, buscando a compreensão de sua influência na formação de identidades contemporâneas. Para tal elucidação, buscamos a identidade dos straight edges da cidade de São Paulo, grupo que contém características advindas do Straight Edge estadunidense, porém com práticas distintas e relacionadas diretamente ao movimento punk/hardcore paulistano.

Para esta compreensão foi utilizada uma abordagem humanística, atrelada as considerações acerca dos circuitos de jovens na cidade, permitindo entender a cidade não apenas por suas dinâmicas econômicas, mas revelando outras possibilidades de sociabilidade, através do sentido de lugar. Com isso, lança-se um outro olhar para São Paulo, o qual é respondido por este grupo por sua reprodução na cidade e por sua interpretação da cidade.

Palavras-chave: Straight Edge, identidades contemporâneas, circuito, lugar, Geografia da Música.

ABSTRACT

The objective spread through this study is to understand the importance of geographical category of place in the present time, searching its influences under the formation of contemporaries' identities. To achieve this elucidation, we seek the identity of straight edges residents in the city of São Paulo, a group that contain traits resulted from North American Straight Edge, nevertheless with distinctive practices that are directly related to the punk/hardcore movement of São Paulo.

To attain this understanding, a humanistic approach was required, connected with reflections about youth circuits in the city, enabling understand the city not only for your economics dynamics, but revealing other possibilities of sociability through the sense of place. In this way, it releases another view over the city of Sao Paulo, which is responded by this group over its reproduction in the city and its interpretation of the city.

Keywords: Straight Edge, contemporaries' identities, circuit, place, Music Geography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa do disco "Minor Disturbance do Teen Idles	21
Figura 2 - Capa do EP Social Justice (1993) do No Violence	24
Figura 3 - Nancy Reagan em comício do "Just Say No" em Los Angeles	29
Figura 4 - Capa do disco "Tudo Aquilo Que Não Mata o Poder é Morto por Ele"	31
Figura 5 - Folder do Bazar Vegano	39
Figura 6 - Banca de venda e foto do público no Bazar Vegano	39
Figura 7 - Folder do evento Matinê Hardcore	41
Figura 8 - Imagem de divulgação da Matilha Cultural	41
Figura 9 - Público no Hardcore nas Ruas.....	43
Figura 10 - Oficinas do Hardcore nas ruas.....	44
Figura 11 - Faixa do Passe livre colocada no hardcore nas ruas	44
Figura 12 - Loja da Veggie Life	45
Figura 13 - Camisetas comercializadas na Veggie Life Store.....	46
Figura 14 - Loja Arte Vegan	47
Figura 15 - Produtos comercializados na Arte Vegan	47
Figura 16 - Fachada e espaço da loja 255	48
Figura 17 - Cds comercializados na Loja 255	48
Figura 18 - Loja The Records.....	49
Figura 19 - Espaço interno da Loja The Records	49
Figura 20 - Fachada do Vegacy	50
Figura 21 - Comida servida no Vegacy.....	51
Figura 22 - Fachada e espaço interno do Apfel.....	51
Figura 23 - Sorveteria Soroko	52

Figura 24 - Ratos de Porão no Verdurada 2013	55
Figura 25 - Público na palestra do Grupo Mães de Maio	56
Figura 26 - Show da banda "O Inimigo" na Verdurada 2015	59
Figura 27 - Bancas de vendas no Verdurada 2015	60
Figura 28 - Cartaz do Verdurada 2015.....	61
Figura 29 - Circuito Straight Edge.....	62
Figura 30 - Capa do Cd "Não Pare" do Days of Sunday	74

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
METODOLOGIA.....	11
1 STRAIGHT EDGE: GÊNESE E DIFUSÃO, VALORES E PRÁTICAS.....	20
1.1 O STRAIGHT EDGE CHEGA NO BRASIL.....	23
1.2 VALORES E POSTURAS DOS STRAIGHT EDGES PAULISTANOS	26
1.2.1 <i>Livre de drogas</i>	32
1.2.2 <i>Veganismo</i>	33
1.2.3 <i>Lógica Do-It-Yourself (DIY) / Atitude positiva</i>	34
1.2.4 <i>True 'Till Death</i>	35
2 OS LUGARES STRAIGHT EDGES EM SÃO PAULO	37
2.1 OS EVENTOS – BAZAR VEGANO, MATILHA CULTURAL E HARDCORE NAS RUAS.....	38
2.2 AS LOJAS – VEGGIE LIFE STORE, ARTE VEGAN, LOJA 255 E THE RECORDS.....	44
2.3 OS LUGARES DE ALIMENTAÇÃO – VEGACY, APFEL E SORVETERIA SOROKO	50
2.4 A VERDURADA.....	53
2.4.1 <i>A Verdurada 2015</i>	56
2.5 O CIRCUITO STRAIGHT EDGE EM SÃO PAULO	61
3 A CIDADE DE SÃO PAULO NA PERSPECTIVA DOS STRAIGHT EDGES.....	66
3.1 AS LETRAS DAS CANÇÕES	71
3.2 A SÃO PAULO STRAIGHT EDGE	79
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
5 BIBLIOGRAFIA.....	87

INTRODUÇÃO

O Straight Edge é uma forma de identidade contemporânea surgida na década de 1980, na cidade de Washington D.C., nos Estados Unidos, a qual chega ao Brasil em meados dos anos 1990. Trata-se de um conjunto de práticas e valores gerados e que perpassam pela música hardcore-punk. Sendo assim, os straight edges estão inseridos no universo punk, porém possuidores de entendimentos particulares, sendo alguns, controversos em relação a este universo.

Cabe destacar que para cada lugar onde foi estabelecido um conjunto de jovens straight edges que formaram um agrupamento e, conseqüentemente, uma identidade, novas formas de percepção do mundo, valores e práticas foram desenvolvidas. Portanto, não podemos entender os straight edges paulistanos meramente como reprodutores de uma identidade gerada exteriormente a sua perspectiva sócio-espacial.

Esse conjunto de práticas sociais, valores e entendimentos acerca dos straight edges da cidade de São Paulo constituem uma cena específica da cidade, a qual se materializa espacialmente em um circuito específico. Este circuito é revelado por uma série de lugares, sejam eles de uso exclusivo deste grupo ou compartilhado com outras identidades contemporâneas presentes na metrópole, que não estão conjugados espacialmente. Ou seja, os straight edges mostram uma faceta da cidade que, colocados os seus lugares significados em destaque, só pode ser explicada a partir do nosso entendimento sobre as suas práticas, vivências e experiências.

Da mesma forma que os straight edges desenvolvem um circuito específico para constituição de seu grupo, eles também são capazes de nos prover uma visão diferenciada a respeito da cidade. Sejam os lugares ou suas visões, tudo está envolto da música. A música é a geradora desta identidade, porém esta identidade não se sustenta e nem se fixa apenas na música, ampliando seus campos de atuação na cidade.

Os circuitos são, conforme Magnani (2007), a inserção dos jovens na análise urbana, os espaços por onde circulam, seus pontos de encontro e conflito, seus parceiros. Chama-se a atenção mais para a sociabilidade dos grupos de jovens e

suas relações nos fragmentos espaciais, e não para o tipo de consumo e estilos de expressão. Conforme o autor (2007, p. 19):

A ideia era levar em conta tantos os atores sociais com suas especificidades (determinações estruturais, símbolos, sinais de pertencimento, escolhas, valores, etc.) quanto o espaço com o qual interagem – mas não na qualidade de mero cenário e sim como produto da prática social acumulada desses agentes, e também como fator de determinação de suas práticas, constituindo, assim, a garantia (visível, pública), de sua inserção no espaço. Essa escolha, ademais, implicou abrir mão do campo da ‘juventude’ e das discussões sobre os atuais limites dessa faixa etária (...), em favor de vê-los em sua interação com a cidade, seus espaços, equipamentos e trajetos.

O objetivo desta pesquisa consistiu na realização de um estudo sobre a importância e atual relevância da categoria geográfica do lugar nas identidades contemporâneas construídas. Assim, analisamos como os lugares frequentados na cidade de São Paulo pelos straight edge são por eles ressignificados, vividos e sentidos, e de que forma influenciam na construção da identidade deste grupo. Buscamos entender as formas de organização dos straight edges paulistanos. Isso significou não apenas compreender os lugares frequentados por eles, mas também suas formas de articulação e significação.

Este estudo dos straight edges paulistanos e seus respectivos lugares, de suas ressignificações, de seus conteúdos e de sua interpretação da cidade, permitiu-nos debater sobre o papel da categoria lugar na Geografia e sua contemporaneidade. Entendemos que nesta evidência do lugar como construtor de identidades e construído por identidades, de caráter diferente aos estudos da Geografia mais tradicional, reside a relevância de nosso estudo.

Dessa forma, no primeiro capítulo apresentaremos o desenvolvimento do Straight Edge primeiramente nos Estados Unidos e, após sua vinda ao Brasil, as particularidades que foram geradas na cidade de São Paulo acerca do grupo. Também apresentaremos, de maneira mais detalhada, os valores e as posturas dos straight edges paulistanos para o entendimento posterior da materialização disto nos lugares. Portanto, será colocada a visão Straight Edge combativa a respeito do uso de drogas, legais ou ilegais, mas não como visão conservadora ou religiosa; o

entendimento do veganismo como mais uma forma de libertação; a lógica da atitude positiva; e, por fim, o permanecer firme e verdadeiro a estas práticas.

No segundo capítulo analisaremos como essas práticas são refletidas geograficamente, através dos lugares eleitos em nossa pesquisa como sendo frequentados e ressignificados pelos straight edges. Aqui apresentaremos a diferença dos lugares que são de uso exclusivo do grupo, com os lugares que são utilizados concomitantemente com outros indivíduos. Colocaremos os eventos os quais os straight edges participam, as lojas que frequentam, os restaurantes e locais de alimentação que se utilizam e, de maneira mais destacada, a Verdurada, o maior festival straight edge da América Latina. Com essa quantificação e qualificação dos lugares straight edges presentes na metrópole, será possível reconhecermos o seu circuito inserido na cidade, o qual demonstraremos graficamente, descrevendo também suas implicações.

O terceiro capítulo é dedicado a analisar a cidade de São Paulo a partir da perspectiva do grupo. Aqui utilizaremos diversas letras de bandas selecionadas em nossa pesquisa prévia para serem representativas do pensamento Straight Edge, já que esta é uma identidade gerada pela música. Sendo assim, será colocada a visão das letras sobre a cidade, sua violência, seu tempo, as experiências que nela são geradas e acontecem e que, juntas, evidenciarão a experiência do lugar a partir dos próprios straight edges. A intenção com este capítulo é demonstrar não somente nossa explicação sobre eles, mas também lhes dar voz para explicarem a cidade.

Por fim, encerraremos o trabalho nas considerações finais, destacando a ligação entre o circuito gerado pelos straight edges em São Paulo, a sua percepção e entendimento da cidade como lugar vivido, e como isso é formado pela música e pelo lugar.

METODOLOGIA

Neste trabalho, utilizaremos uma visão humanista da Geografia Cultural, mais propriamente, utilizando também conceitos produzidos na Sociologia e Antropologia. Para entender os straight edges, inserimos este grupo em uma forma de manifestação de identidade específica, produzida neste contexto temporal, conforme Hall (1998) e Giddens (2002). Aqui, chamaremos este fenômeno de produção de identidades específicas de identidades contemporâneas.

Hall (1998) distingue três sujeitos de diferentes identidades, conforme o período histórico, como um reflexo do modo de pensar e dos contextos sociais específicos de cada um desses períodos: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo era baseado em um indivíduo único, centrado, segundo o autor (1998, p. 10), “cujo ‘centro’ consistia em um núcleo inferior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou ‘idêntico’ a ele – ao longo da existência do indivíduo”. Era uma concepção individualista do sujeito e de sua identidade.

Já o sujeito sociológico representava a complexidade do mundo moderno, onde esse “núcleo interior” não era mais autônomo, mas sim formado na relação com outras pessoas, valores, sentidos e símbolos dos mundos que este sujeito habitava. A identidade é formada, então, na interação do “eu” com a sociedade. Nessa concepção sociológica, identidade preenche o espaço entre o mundo pessoal e o mundo público.

Hall (1998) argumenta que esta identidade do sujeito sociológico está mudando, a identidade estável, unificada, está se fragmentando. O sujeito pós-moderno não teria mais uma identidade fixa, essencial, ela é agora uma “celebração móvel”, nas palavras do autor (1998, p. 13). Ela é definida historicamente, formada e transformada a todo instante em relação às formas que somos representados e intimados com o que nos rodeia.

Conforme Giddens (2002), o elemento essencial do impacto das instituições modernas é o descolamento das relações sociais fora de seus contextos locais. Esse descolamento é o que o autor chama de “desencaixe”, a imensa aceleração do

distanciamento de tempo-espaço trazido pela modernidade e acelerado pela globalização.

Porém, embora pareça que as novas formas de comunicação façam desaparecer essas identidades, elas se concretizam e se manifestam nos lugares, na escala local. De fato, elas são expressões de culturas globais inseridas em contextos sócio-espaciais específicos, ou conforme Relph (1996, apud Bossé 2013)¹, “o processo de formação de uma identidade de lugar consiste cada vez mais (...) nas maneiras como fragmentos similares da cultura global se combinam em alguma parte”.

O lugar, para Tuan (1975), é um centro de significado construído pela experiência. Essa experiência para o autor se caracteriza de modo passivo e ativo, sendo o modo passivo aquilo que não tem como ter existência pública, existe apenas no indivíduo, como o cheiro, o gosto e o tato e, quanto ao modo direto, seriam as experiências que podem sair do indivíduo, como o pensamento que pode ser exposto por intermédio da escrita ou da fala, assim como o que vemos pode ser transcrito, assim como sons podem ser gravados e dispostos em música. Tudo isso faz parte de um todo denominado experiência.

Conforme Tuan (1975), o lugar é conhecido não apenas pelos olhos ou pelo pensamento, mas por esta experiência, do modo mais passivo ao mais direto, que resiste a mera objetificação. De acordo com o autor (1975, p. 152):

To most people in the modern world, places lie somewhere in the middle range of experience. In this range places are constructed out of such elements as distinctive odors, textural and visual qualities in the environment, seasonal changes of temperature and color, how they look as they are approached from the highway, their location in the school atlas or road map, and additional bits of indirect knowledge like population or number and kinds of industries. Within the middle range places are thus known both directly through the senses and indirectly through the mind. A small place can be known through all the modes of experience; a large place, such as a city or nation, depends far more on indirect and abstract knowledge for its experiential construction².

¹ Relph, Edward. “Place”. In Douglas, I. et. Al. (orgs.). Companions encyclopedia of geography. The environment and humankind. Londres: Routledge, 1996.

² Para a maioria das pessoas no mundo moderno, lugares se colocam no nível médio da experiência. Neste nível, lugares são construídos de elementos como odores distintos, qualidades visuais e de textura no ambiente,

Esta experiência ressaltada por Tuan (1975) geradora de conhecimento sobre o lugar leva tempo. O sentido do lugar é adquirido através de um bom tempo residindo nele ou tendo um envolvimento profundo com ele. Segundo Tuan (1979), as pessoas demonstram seu sentido de lugar quando elas aplicam determinada moral e aspectos visuais para as localidades. O espaço, para Tuan (1975), é abstrato, falta-lhe conteúdo, é aberto. O lugar é o presente e passado, a estabilidade e também a conquista. Os lugares não são lugares apenas por terem sido feitos para atingir este objetivo. De acordo com Tuan (1975, p. 165), “to remain a place, it has to be lived in. (...) To live in a place is to experience it, to be aware of it in the bones as well as with the head. Place, at all scales (...) is a construct of experience”.³

Esta relação entre espaço e lugar é também evidenciada por Holzer (1998), quando o autor resalta o papel do lugar como referência geográfica da experiência ao espaço vivenciado pelos indivíduos. Para o autor, o lugar possui a propriedade de ser gerador de significados, se encontrando em uma relação dialética com a categoria mais abstrata geográfica, que é o espaço.

O autor também resalta a particularidade do lugar ter sua personalidade e sentido, resultante da localização geográfica daquela área, conjuntamente com as interações colocadas pelas pessoas. Para Tuan (1979, 409), ele chama a identidade do lugar de “espírito” e “personalidade” do lugar:

A key to the meaning of place lies in the expressions that people use when they want to give it a sense carrying greater emotional charge than location or functional node. People talk of the “spirit” and “personality” and the “sense” of place. (...) “Personality” suggests the unique: places, like human beings, acquire unique signatures in the course of time. (...) Loosely speaking, the personality of place is composite of natural endowment (the physique

mudanças sazonais de temperatura e cor, como eles se apresentam a medida que se aproximam da rodovia, suas localizações no atlas escolar ou no itinerário, e pedaços adicionais de conhecimento indireto como população ou números ou tipos de indústrias. Dentro deste nível médio, lugares são, deste modo, conhecidos tanto diretamente pelos sentidos quanto indiretamente pela mente. Um lugar pequeno pode ser conhecido através de todos os modos de experiência; um grande lugar, como uma cidade ou uma nação, depende mais de conhecimento indireto e abstrato para sua construção experiencial (Tradução nossa).

³ Para permanecer um lugar ele tem que ser vivido. (...) Viver um lugar é o experimentar, é ter sua consciência nos ossos, assim como na cabeça. Lugares, em todas as escalas (...) é uma construção da experiência (Tradução nossa).

of the land) and the modification wrought by successive generations of human beings⁴.

Conforme Massey (2005) aponta, lugares não têm identidades únicas, eles têm seus conflitos e diferenças, gerados por esta experiência compartilhada de diferentes formas por diferentes grupos. De fato, Holzer (1998) percebe a categoria do lugar como mutável, já que no entedimento dele está atrelada a experiência e ao simbólico. Assim, segundo Pocock (1981, apud Holzer 1998), os lugares são complexos, mudando de configuração de acordo com os que se percebem nele. A percepção de quem é visitante daquele lugar e de quem o experimenta é totalmente diferente.

Portanto, ao assumir ao lugar esta capacidade de valor e sentido, carrega consigo uma ligação emocional com os indivíduos, segundo Bossé (2013), se manifestando assim em um foco identitário, sendo consubstancial com as identidades agindo e afetando em ambos mutuamente. Conforme Bossé (2013, p. 225):

A identidade assume, então, um alcance geográfico novo, pela mediação conceitual do “sentido de lugar”. Porque participa inteiramente da vida dos indivíduos e dos grupos, o lugar influencia, até mesmo constrói, tanto subjetivamente como objetivamente, identidades culturais e sociais.

O lugar é considerado o suporte essencial da identidade cultural, não mais em um sentido estritamente naturalista, mas porque fica evidenciado o vínculo fenomenológico e ontológico fundamental que ancora a pessoa humana naquilo que Dardel (1952)⁵ chamou de sua “geograficidade”.

Embora, conforme Hall (1997, apud Haesbaert 2013)⁶, todas as identidades estão localizadas no tempo-espaço e possuem seu característico sentido de lugar, Haesbaert (2013) classifica qualitativamente diferente as identidades que sua

⁴ Uma chave para o sentido de lugar reside na expressão que as pessoas usam quando querem dar um significado carregando uma maior carga emocional do que apenas a localização ou uma funcionalidade. As pessoas falam do “espírito” e da “personalidade” e do “sentido” de lugar. (...) “Personalidade” sugere singularidade: lugares, assim como seres humanos, adquirem marcas particulares no decorrer do tempo. (...) De maneira mais geral, a personalidade do lugar é composta dos recursos naturais (a física da terra) e a modificação provocada por sucessivas gerações de seres humanos (Tradução nossa).

⁵ Dardel, Eric. *L'homme et la terre*. Paris: PUF, 1952

⁶ Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 1997.

estruturação é diretamente relativa a sua apropriação simbólica materializada no espaço. Para estas identidades, dá-se o conceito de identidades territoriais:

Partimos do pressuposto geral de que toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente por meio do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo, assim, parte fundamental dos processos de identificação social.

Essa necessidade de apropriação de lugares, de maneira a significá-los e, algumas vezes, ressignificá-los, de ter em um constructo materializado seu suporte, é revelado pelos straight edges paulistanos no que eles chamam de cena e ao que nós entendemos como circuito.

Conforme Connell e Gibson (2001) a música se reflete na cena, pois a música é composta de agentes inseridos em uma geografia específica, com seus contextos políticos, econômicos e sociais. Dessa forma, estilos e letras de músicas estão refletindo as posições desses atores sobre o contexto em que estão postos. Porém, enquanto Connell e Gibson (2001) buscam explicações de cena como característica musical de determinadas cidades, O'Connor (2002) a entende como a criação de infra-estruturas de apoio para as bandas punks e outras formas de atividades criativas. Esse significado de cena abarca todo o contexto punk, portanto, também se pode falar em cena Straight Edge. Conforme O'Connor (2002, p. 226):

This means finding places to play, building a supportive audience, developing strategies for living cheaply, shared punk houses, and such like. At times some cities seem to provide an environment in which this can be achieved more easily. Montreal and Vancouver have often had more vibrant punk scenes than Toronto. Punk scenes are organized in urban geographies which make it easy or difficult and which ultimately affect the type of scene that emerges.⁷

⁷ Isso significa achar lugares para tocar, construir um público, desenvolver estratégias para se viver barato, dividir casas punk, entre outros. Às vezes algumas cidades parecem proporcionar um ambiente em que isso pode ser adquirido mais facilmente. Montreal e Vancouver tem frequentemente cenas punk mais vibrantes do que Toronto. Cenas punk são organizadas em geografias urbanas que tornam isso mais fácil ou mais difícil e que, finalmente, afetam o tipo de cena que surge. (Tradução nossa).

Este conceito está muito mais atrelado ao próprio termo empregado pelos indivíduos constituintes da cena Straight Edge de São Paulo. Enquanto Connel e Gibson (2001) ressaltam o fato de que para ocorrer uma cena em uma determinada cidade é necessário um público que a suporte, casas de shows, gravadoras e estúdios interessados nas bandas, a cena Straight Edge se aplica mais a conceituação de O'Connor (2002). Isto porque as iniciativas de fundarem gravadoras, estúdios, criarem locais para as bandas tocarem, partem muito mais dos próprios indivíduos da cena do que de influências externas interessadas nela.

O'Connor (2002, p. 226) também ressalta que algumas cidades possuem um "ambiente que essa infraestrutura é alcançada mais facilmente do que em outras". Como Turra Neto (2004) também destaca, as diferentes configurações geográficas das cidades apresentam aberturas e fechamentos para o desenvolvimento das identidades.

O conceito de cena pode ser colocado em paralelo com a categoria de circuito de Magnani (2002 e 2012). Para Magnani (2002), o circuito descreve determinados serviços ou práticas destinadas a uma determinada identidade de atores sociais urbanos que se espacializa na cidade pelos equipamentos urbanos sem uma contiguidade espacial. Ou seja, o circuito é definido pelos e a partir dos atores sociais que o sustentam. Segundo Magnani (2002, p. 23):

Há, por fim, a noção de circuito. Trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais. (...) A noção de circuito também designa um uso do espaço e de equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos -, porém de formais mais independente com relação ao espaço, sem se ater à contiguidade (...).

Magnani (2012) ressalta que a dinâmica dos circuitos dos jovens deve ser entendida por essa não contiguidade espacial integrada pelo olhar de determinadas identidades para a cidade. Assim, eles não se encontram nem isolados, nem à deriva. Na verdade, os diferentes lugares eleitos como representantes

especializados pelos straight edges e seus usos, tanto práticos quanto simbólicos, demonstra que não são escolhidos aleatoriamente.

De acordo com Magnani (2012), a cena diferencia-se do circuito, pois ela denota as atitudes, os valores, as opções ideológicas e estéticas de um grupo, esse conjunto se articulando e sendo articulados pelos circuitos. Com esta proposição, Magnani (2002) consegue nos dar elementos para superar a visão da metrópole de São Paulo de desordem, de desagregadora, desprovida de trocas e práticas de sociabilidade. Temos sim outros padrões, formas de trocas, de lugares de sociabilidade. Essa experiência da vida pública pode ser encontrada em outros arranjos. Conforme o Magnani (2002, p. 26), “um determinado segmento do circuito de lazer, articulando pontos distantes na cidade, é tão real e significativo para seus usuários, quanto a vizinhança no contexto do bairro”.

Além destes autores que fazem parte da do arcabouço teórico deste trabalho, destacamos também que procuramos outras fontes de autores da Geografia e também da Antropologia e Sociologia acerca destes temas. Não foram encontradas por nós contribuições geográficas acerca do tema Straight Edge. Sendo assim, esclarecemos que para formulações específicas do tema buscamos as fontes da Sociologia e, principalmente, Antropologia. Também como se trata de um tema pouco explorado, não se tem grande número de fontes acadêmicas específicas. Sendo assim, procuramos fontes alternativas para conseguirmos embasar este trabalho, como letras de músicas das bandas, entrevistas realizadas por nós ou por outros pesquisadores e jornalistas, matérias de revistas, fanzines, sites, redes sociais da internet, entre outros.

Diante disto, este trabalho tornou-se mais complexo, a medida que as fontes não são tão evidentes e nem simples de se pesquisar, sendo muitas vezes necessário ir in loco nos lugares, perguntar para as pessoas indicações para achar as informações das quais necessitávamos. Isto também se tornou importante, a medida que pudemos ir conhecendo realmente a cidade vista pelos straight edges paulistanos.

Quanto a abordagem do campo, não conseguimos adotar a metodologia da observação-participante, muito presente em alguns trabalhos de antropologia. Isto denota certos limites ao entendimento do grupo e ao que eles entendem da cidade.

Por isso, buscamos nas letras das músicas straight edges de bandas paulistanas uma identificação de seu entendimento. As letras podem nos ajudar a reunir a objetividade, mas também a subjetividade necessária para se compreender a visão do grupo acerca da cidade. A Geografia da Música se utiliza das letras, assim como a Geografia Humanista se utiliza da literatura, pois ambas abrem a possibilidade do aprendizado do sentido e da vivência do lugar, conforme Tuan (2014).

Nossas pesquisas de campo consistiram em visitar os lugares frequentados pelos straight edges para entendê-los enquanto suporte ao desenvolvimento das atividades do grupo, assim como lugar eleito pelo grupo como representativos de sua identidade, no contexto de uma construção do circuito. Assim, procuramos delimitar quais eram estes lugares e como os straight edges se apropriavam e o significavam. Esta abordagem de campo é seguida conforme as pesquisas exploratórios do espaço. Segundo Gil (2008, p. 27):

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. (...) Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

As entrevistas realizadas também tiveram o objetivo de suplantar a pesquisa bibliográfica previamente executada, assim como esclarecer pontos que não foram encontrados na bibliografia. Como trata-se de um tema pouco estudado e pela especificidade dos straight edges, resolvemos adotar uma abordagem informal nas entrevistas. Segundo Gil (2008), “a entrevista informal é recomendada nos estudos exploratórios, que visam abordar realidades pouco conhecidas pelo pesquisador, ou então oferecer visão aproximativa do problema pesquisado”. Optamos também pela não revelação dos entrevistados, preservando sua identidade.

Gostaríamos de ressaltar que este trabalho não tem por objetivo mostrar o Straight Edge de São Paulo por uma visão estática, já que trata-se de uma identidade contemporânea em contato direto e permanente com outros grupos, o que os fazem mudar algumas percepções e também alguns lugares. Sendo assim, os lugares aqui elencados como representantes do circuito Straight Edge podem não

ser mais representativos passado certo tempo, da mesma forma que não abarcamos toda a rede de lugares desenvolvidos pelo grupo.

1 Straight Edge: Gênese e difusão, valores e práticas

Os primeiros registros reconhecidos como parte da identidade Straight Edge se encontram na cidade de Washington D.C., Estados Unidos, durante a década de 1980. É consenso na literatura específica do tema (HAENFLER, 2006; MULLANEY, 2012; WILLIAMS, 2006; HANCOCK e LORR, 2013; BITTENCOURT, 2011a; REIA, 2013; SOUZA, 2007) que este seja o marco espaço-temporal do surgimento do Straight Edge. Descendente direto do universo punk, conforme Souza (2007), em ocasiões e práticas diversas, o movimento⁸ se associa ao punk, ao passo que muitas vezes se distancia.

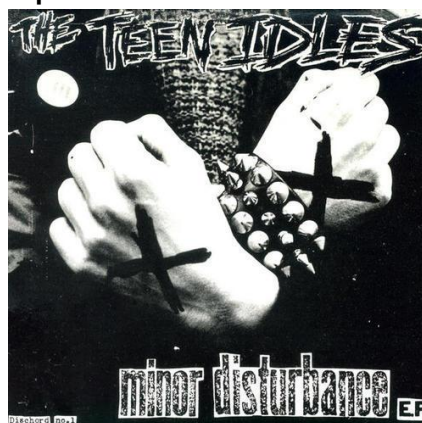
Na época em questão, a idade mínima para adquirir bebida alcoólica nos Estados Unidos era de dezoito anos, e os donos de casas de shows preferiam não permitir os menores de idade de frequentar os eventos. Conforme Haenfler (2006), além de boa parte dos lucros dos eventos virem da venda de bebida alcoólica, os produtores dos shows e os donos dos locais poderiam ser presos.

Segundo Haenfler (2006), logo uma lei entra em vigor na capital estadunidense, a qual versava contra a proibição de menores em estabelecimentos musicais. A solução das casas de show foi, então, marcar as mãos dos jovens com um “X”. Desta forma, os funcionários saberiam que não poderiam vender bebidas alcóolicas para os que estivessem com as mãos marcadas.

Já Lahickey (1998), em uma entrevista com Ian MacKaye (vocalista dos Teen Idles e, posteriormente, Minor Threat), mostra outra versão. Conforme a entrevista, MacKaye relata que em uma turnê pela Costa Oeste, na cidade de São Francisco, os membros do Teen Idles e um gerente de uma casa de show da cidade criaram a solução para que a banda pudesse tocar, já que os membros eram menores de idade: marcar as mãos com um “X”. Voltando para Washington D.C., o Teen Idles dissemina a ideia da marcação, inclusive com a capa do seu disco “Minor Disturbance”.

⁸ Conforme Haenfler (2006), o fato de alguns autores não considerarem o Straight Edge como movimento social demonstra uma visão estreita. Para o autor, movimentos sociais também incluem identidades que moldam a vida de pessoas e, simultaneamente, demonstrações coletivas.

Figura 1 - Capa do disco "Minor Disturbance do Teen Idles



Fonte: Site da Revólver Ink Magazine (2014)

Porém, em ambas as versões, o “X” se transforma em marca corporal de jovens que gostavam da música punk/hardcore, mas que se distanciavam dos punks quanto a diversas atitudes e posturas adotadas. De acordo com Haenfler (2006, p.8):

Youth transformed the X from a stigma (that is, not having access to the ‘privilege’ of drinking) to a symbol of pride, as if to say, “not only *can’t* we drink, we don’t *want* to drink.” The kids, including youth legally allowed to drink, began marking their own hands⁹.

Com esse sentimento comum de alguns jovens que frequentavam os shows de punk e hardcore de se posicionarem contra o álcool, o Straight Edge começa a se consolidar. No final do ano de 1980, segundo Souza (2007) e Bittencourt (2011a), Jeff Nelson, baterista do Teen Idles, coloca o termo “straight edge” (esquadro, em português) para nomear seu estilo de vida livre de drogas e do álcool. Conforme os autores, Nelson compara os ângulos retos do esquadro com sua postura retilínea quanto a seus ideais.

Em 1981 e 1983, Nelson e MacKaye, agora na banda Minor Threat, compõem duas canções que são consideradas as bases para a difusão do Straight Edge. A música intitulada “Straight Edge”, de 1981 difunde o termo e o sentimento dos jovens

⁹ A juventude transformou o X de um estigma (ou seja, de não ter acesso ao “privilégio” de beber) em um símbolo de orgulho, ao dizer, “não apenas não podemos beber, nós não queremos beber”. Os jovens, incluindo os que legalmente já poderiam beber, começaram a marcar suas mãos”. (Tradução do autor) (tradução nossa).

que gostam de escutar hardcore, compartilham de ideias do movimento punk, mas que preferem se manter livre de drogas e álcool.

A canção se inicia com o seguinte texto: “I’m a person just like you/But I’ve got better things to do/Than sit around and fuck my head/Hang out with the living dead/Snort white shit up my nose/Pass out at the shows/I don’t even think about the speed/That’s something I just don’t need/ I’ve got the straight edge¹⁰”. Já em 1983, na canção intitulada “Out of Step”, MacKaye canta os versos “I don’t smoke/I don’t drink/I don’t fuck/At least I can fucking think!¹¹”

Essas letras foram tomadas como um corpo de normas que os jovens straight edges deveriam se nortear. Segundo Bittencourt (2011a), em um curto período de tempo, o Minor Threat saiu em um grande número de turnês pelos Estados Unidos e teve boa distribuição de discos. Dessa forma, acabaram divulgando, além de seu trabalho, suas ideias sobre o que entendiam ser o Straight Edge. O Straight Edge, então, passa a ser representado não só em Washington D.C., mas se espalha pelo país. De fato, conforme Williams (2006, p. 176), essas normas de resistência não eram exclusividade do Minor Threat:

The band’s new “rules” of resistance were not exceptional among punk bands as Minor Threat existed within a larger North American network of “positive youth” punk bands. However, the term “straightedge” seemed to strike a chord with some punks around the United States, and within a year of its release, youth around the country had begun claiming to *be* straightedge¹².

¹⁰ Sou uma pessoa como você/ Mas tenho coisas melhores a fazer/ Do que ficar sentado e fodendo com a minha cabeça/ Andar com os mortos-vivos/ Expirar merda branca no meu nariz/ Desmaiar nos shows/ Eu nem ao menos penso em anfetamina/ É algo que não preciso/ Eu tenho o Straight Edge. (Tradução nossa).

¹¹ Eu não fumo/ Eu não bebo/ Eu não transo/ Ao menos eu posso pensar. (Tradução nossa).

¹² As novas “regras” de resistência da banda não eram exceção, junto com bandas como Minor Threat existia uma grande rede na América do Norte de bandas punk de “juventude positiva”. Entretanto, o termo “straightedge” pareceu criar um laço com as bandas pelos Estados Unidos, e com um ano de seu lançamento, a juventude ao redor do país começou a se afirmar como straightedge. (Tradução nossa).

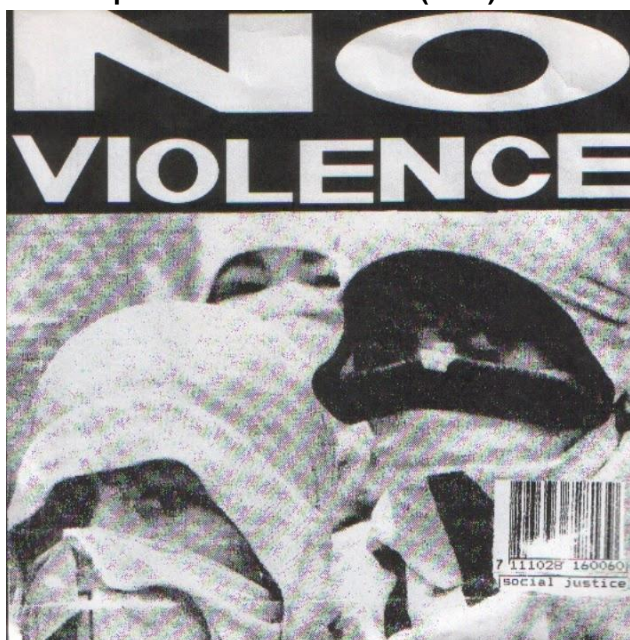
1.1 O Straight Edge chega no Brasil

Ao passo que o Straight Edge começa a ser difundido nos Estados Unidos, também se inicia sua divulgação a diversos outros países, principalmente por influência das bandas de maior sucesso, como Teen Idles e Minor Threat já citados, além de Youth of Today (Nova Iorque-EUA) e Lärm (Holanda). Souza (2007, p. 26) ressalta que o Straight Edge ganha força principalmente nas grandes cidades, de países como “Bielorrússia, Malásia, Itália, República Checa, Argentina, Alemanha, Colômbia e Brasil”. Percebemos que o movimento chega, de fato, nas diferentes localidades citadas acima pela mundialização do fenômeno urbano, onde a metrópole, mesmo que não global, se destaca como ponto de recepção e difusão rápida de informação.

O primeiro registro de straight edge no Brasil, segundo Reia (2013), costuma ser considerado a capa do disco Coletânea SUB (Grito Suburbano), lançado em 1982. Esse disco conta com a participação de três bandas punks importantes do Brasil: Olho Seco, Inocentes e Cólera. Embora essas bandas não fossem identificadas como straight edges, havia um membro que assim se identificava. Na contracapa da Coletânea, Fábio Sampaio, vocalista da banda Olho Seco, aparece com um X pintado em sua mão.

Também podemos apontar a formação da banda de Straight Edge paulistana, No Violence, em 1989. Porém, não encontramos um consenso exato da data de início do Straight Edge no Brasil, e nem pensamos que isso seja possível. O que se afirma, conforme Bittencourt (2011b), é que o Straight Edge, enquanto movimento, inicia-se e consolida-se a partir do início dos anos de 1990, na cidade de São Paulo.

Figura 2 - Capa do EP Social Justice (1993) do No Violence



Fonte: Blog Sonidos Rabiosos (2014)

De fato, conforme Turra Neto (2004), já estava consolidada no Brasil, desde o fim da década de 1970, uma indústria cultural e um mercado de consumo voltados para o público jovem. De acordo com o autor, já na década de 1950 é possível falar de um público jovem dos subúrbios paulistanos que consumiam e se interessavam em novos estilos musicais que surgiam no exterior.

Bittencourt (2011a) expõe o papel imprescindível da Internet na formação de um movimento Straight Edge em São Paulo. Ainda pontua a difusão por meio de revistas e discos. Conforme o autor (2011a, p. 51):

É difícil descrever com precisão quando e como o estilo de vida *straightedge* chegou ao Brasil. Os *straightedges* mais antigos afirmam que isso se deu no início dos anos 90, período que coincidiu com a difusão da Internet nos lares brasileiros. Não se trata de uma mera coincidência, pois sabemos que devido à popularização dessa ferramenta comunicacional, inúmeros jovens brasileiros passaram a ter uma maior acessibilidade às práticas culturais vivenciadas por outros jovens de diferentes localidades do globo. Mesmo com a enorme *segregação digital* existente no país, é possível dizer que a Internet, entre todos os meios de comunicação, foi a que mais colaborou para o surgimento e a consolidação dos agrupamentos juvenis contemporâneos. Mas não foi somente a Internet, outros meios de divulgação como revistas e CDs de músicas, também são

apontados como os responsáveis pela popularização da filosofia de vida.

Consideramos também importante ressaltar que o Straight Edge no Brasil se inicia em São Paulo, onde também foi o berço do punk brasileiro. Desde 1982, conforme Turra Neto (2004), já é possível reconhecer os esforços dos punks da metrópole de São Paulo para articular um movimento de fato, por meio de debates, shows, bandas e fanzines. O movimento acaba formando um lastro cultural em determinados jovens da metrópole que também contribui para a chegada e fixação do Straight Edge no Brasil.

Apesar de o Straight Edge ter surgido no início dos anos 1990, ele se manteve restrito a um pequeno grupo de pessoas até a metade da década. Em 1996, de acordo com Bittencourt (2011a), há uma rápida expansão no número de straight edges em São Paulo. Isso se deve ao fato da apresentação da banda Shelter, de Nova Iorque – EUA. Com o lançamento do disco “Mantra”, de 1995, o Shelter se torna uma banda reconhecida mundialmente no meio underground. Segundo o site Decibéis Alternativos, aproveitando essa exposição, a banda faz uma turnê pelo Brasil, passando por São Paulo, Santos, Recife, entre outras cidades, contando com o apoio de redes de mídia já voltadas para o público jovem. Conforme os relatos colhidos pelo trabalho de Bittencourt (2011a), pouco tempo após o show, o Straight Edge passa de um pequeno grupo de 50 jovens para uma participação de 400 pessoas. É em 1996 também, que se inicia, segundo o site do Coletivo Verdurada, o primeiro Festival Straight Edge no Brasil: o Verdurada.

O Straight Edge chega até mesmo a ter uma divulgação tímida em espaços da mídia considerada hegemônica. Conforme Bittencourt (2011a) é divulgada na revista Isto É, em 1997, uma matéria intitulada “Caretas Radicais”, se referindo a “filosofia” Straight Edge. Também podemos ressaltar uma matéria de, aproximadamente trinta minutos, sobre o Straight Edge, feita pelo jornalista Caco Barcelos, no canal de televisão Globo News. “Pé na Rua”, um programa que era exibido na TV Cultura, voltado para o público considerado jovem, em que entrevistava diversas pessoas de algumas “tribos”, como o programa se referia, também passou um capítulo sobre o Straight Edge. Por fim, a MTV (Music Television) Brasil divulgava algumas vezes o Straight Edge quando se referia a

alguma banda ou show, como no caso da cobertura da segunda passagem do Shelter pelo Brasil, em 1998. Porém, conforme Bittencourt (2011a):

Mesmo tendo divulgação em revistas de grande circulação e emissoras de TV, a filosofia de vida straightedge não atraiu muitos simpatizantes, uma vez que sua proposta se baseia em posicionamentos que denotam algumas proibições. Ainda que para a maioria dos jovens, adotar uma postura ascética em nossos dias seja considerado um sacrifício enorme, cada vez mais, vemos o aumento no número de straightedges em todo o país.

1.2 Valores e posturas dos straight edges paulistanos

Conforme destacado, o Straight Edge é derivado do movimento punk, ocorrido a partir do final da década de 1970, sendo assim, não pode ser visto de maneira dissociada de todo o universo punk/hardcore. Haenfler (2004) inclusive ressalta que as cenas Hardcore e Straight Edge caminham juntas nos Estados Unidos, não sendo diferente na cidade de São Paulo, embora exista uma segmentação maior nas cenas estadunidenses.

Como derivação do movimento punk, o Straight Edge carrega consigo diversas posturas muito próximas ou, de fato, iguais aos punks. Ao mesmo tempo, como se tornou outro tipo de circuito, possui idéias que não dialogam tão harmoniosamente com os punks. As normas básicas de conduta dos straight edges que os diferenciam de outras identidades juvenis são exatamente uma reação ao Punk.

Segundo Souza (2007), o comportamento punk era resumido no lema “no future” (sem futuro), ou seja, que o mundo já não tinha mais salvação, não existia mais volta para o que estava posto e, que para uma real mudança acontecer, era necessário demolir todas as bases da sociedade para reconstruí-la. Esse era o tipo de comportamento punk, considerado pelos straight edges, como destrutivo. Isso se refletia no próprio corpo, com o grande consumo de drogas lícitas e ilícitas, e também com a violência que, constantemente, mostrava-se presente no movimento, como a criação de gangues no início do Punk em São Paulo, conforme Melão

(2012). É interessante destacar que essa era uma visão do final da década de 1970, já que o punk se torna, de fato, politizado já na década de 1980.

As regras colocadas pelo Straight Edge eram a reação a intensa liberdade promovida pelo punk. A recusa em usar drogas passava por apontar um comportamento crítico, porém mais positivo, para conseguir mudar a sociedade. De acordo com Souza (2007, p. 25) “assim, manter-se sóbrio era fundamental para a tarefa de propor alternativas de mudança, algo que é classificado como uma atitude mais positiva frente à situação”.

Essas regras básicas dos straight edges é descrita por Haenfler (2004) pela abstenção completa de drogas, álcool e tabaco e pela recusa ao sexo casual, por preservar as relações sexuais em relacionamentos amorosos de fato. Porém, para os straight edges de São Paulo, essas regras não são aplicadas por inteiro. A semelhança reside apenas na regra primordial, desde os tempos do Teen Idles, que é o não uso de drogas lícitas ou ilícitas. Não há qualquer objeção à prática do chamado “sexo promíscuo”. A outra regra que também é colocada pelos straight edges paulistanos é a dieta vegetariana ou vegana. De acordo com as afirmações dos straight edges na pesquisa de Bittencourt (2011a, p. 87), “straightedge é o punk que não usa drogas e que recentemente também se tornou vegetariano”.

As diferenças de regras básicas do Straight Edge estadunidense para o brasileiro, ou mais especificamente, paulistano, emanam também das diferenças de constituição e conjuntura nos quais essa identidade contemporânea se coloca. Longe de afirmações deterministas de que o meio molda o homem, entendemos que as diferentes localidades também propõem aberturas e fechamentos para a construção da identidade Straight Edge, apesar de serem as ações humanas significadoras e ressignificadoras do espaço, de acordo com Werlen (2000).

Turra Neto (2004) entende que no processo de construção de identidades coletivas e suas respectivas sociabilidades, o lugar interfere no desenvolvimento, oferecendo desafios, possibilidades variadas. Apesar das identidades contemporâneas, como no caso do Straight Edge, serem transterritoriais, determinadas pela produção industrial globalizada da cultura, elas acabam tendo suas bases materializadas, ocorrendo em algum lugar, com suas diferentes

possibilidades, reforçando e/ou propondo novos parâmetros culturais globais do grupo e, também, produzindo novas dinâmicas.

Conforme Haenfler (2006) ressalta, o Straight Edge estadunidense sofreu uma grande influência de um movimento da década de 1980 denominado New Left Middle-Class (Nova Classe Média de Esquerda), que refletia uma orientação maior para questões humanitárias, de natureza moral, de herança cristã. Haenfler (2004) também coloca a escalada da guerra as drogas do período, nos Estados Unidos, sintetizado na campanha de Nancy Reagan “Just Say No” (apenas diga não), o que também influenciaria nas regras baseadas na negação do Straight Edge. De acordo com o autor (2004, p. 416):

The unyielding, black-and-white strictures on behavior of sXe were similar to fundamentalist religion’s rigid, clear-cut beliefs (Marty and Appleby 1993). In particular, sXe’s emphasis on clean living, sexual purity, lifetime commitment, and meaningful community was reminiscent of youth evangelical movements, while the focus on self-control suggested Puritanical roots. In addition to these conservative influences, sXe was, in many ways, a continuation of New Left middle-class radicalism oriented toward ‘issues of a moral or humanitarian nature,’ a radicalism whose payoff is “in the emotional satisfaction derived from expressing personal values in action’ (Parkin 1968, 41). The movement’s core values reflect this curious blend of conservative and progressive influences¹³.

¹³ “As estruturas inflexíveis, branco ou preto do comportamento Straight Edge eram similares ao rígido fundamentalismo religioso, de crenças bem definidas (Marty and Appleby 1993). Particularmente, a ênfase Straight Edge em viver sem drogas, pureza sexual, comprometimento por toda a vida, e comunidade emocional foi remanescente dos movimentos evangélicos jovens, enquanto o foco no auto-controle sugere raízes puritanas. Ademais destas influências conservadoras, Straight Edge foi, de diferentes formas, uma continuação do radicalismo da Nova Esquerda de classe média orientado em torno de ‘problemas’ de ordem moral ou humanitária, um radicalismo, onde a recompensa está ‘na satisfação emocional derivada da expressão de valores pessoais em ação’ (Parkin 1968, 41). Os valores no âmago do movimento refletem essa curiosa mistura de influências conservadoras e progressistas”. (Tradução nossa).

Figura 3 - Nancy Reagan em comício do "Just Say No" em Los Angeles



Fonte: Site CNN (2004)

Essa separação de posturas e influências progressistas e conservadoras do Straight Edge podem até explicar, em parte, os comportamentos dos jovens straight edges dos Estados Unidos, mas em nada esclarece uma explanação sobre a identidade desses jovens na cidade de São Paulo. Diferentemente do que é apresentado por Haenfler (2004 e 2006), o Straight Edge paulistano se desenvolve alheio a religião. De fato, conforme Bittencourt (2011a), embora existam alguns straight edges cristãos, não existe nenhuma referência ou influência da religião na construção da identidade do grupo no Brasil, sendo a maioria deles ateu.

Outra questão é a abordagem política diferenciada do Straight Edge paulistano para o estadunidense, onde tomamos por base a análise de Haenfler (2006) sobre a cena de Denver, Colorado e Washington D.C. Nos Estados Unidos, nas metrópoles, as cenas Straight Edge e Punk se desenvolveram de modo mais segmentado, sendo a ruptura mais brusca. Já em São Paulo, os punks e os straight edges, embora tenham seus respectivos circuitos, tiveram e ainda tem grande contato e colaboram mutuamente para o crescimento de ambas as cenas. Sendo assim, os straight edges paulistanos costumam ter ideias e referenciais políticos de esquerda, mais próximos do anarquismo. O Straight Edge paulistano passa da lógica pessoal de não consumir drogas e alia isso a uma vontade de mudança. Isso pode ser exemplificado em palestras que ocorrem durante shows de música Hardcore/Straight Edge sobre direito do transporte público gratuito ou reversão dos

lucros do show para entidades e organizações políticas de esquerda (excluindo-se partidos políticos). Conforme Bittencourt (2011a):

(...) é possível vislumbrar a importância que estes jovens atribuem à idéia de política - ação que confronta os códigos dominantes vigentes, tática de subversão cotidiana que se expressa numa lógica de resistência aparentemente sem propósito, pois não tem a guerra como objeto (proletários x burgueses, feministas x machistas). Nesta relação política não existe o confronto direto com um inimigo personificado, o que sugeriria a produção de uma identidade straightedge intermediada pelo embate com uma alteridade, possuidora de valores e posicionamentos contrários daqueles assumidos e defendidos pelos jovens. A estratégia utilizada não é o “confronto”, mas a fuga, o desejo de não querer fazer parte de um modelo de juventude que prescreve como atitude essencialmente jovem o “sair de si” mediante o consumo de substâncias entorpecentes.

Estas posturas diferenciadas apresentadas podem ter sido alcançadas graças a origem do movimento. Segundo relatos de participantes do grupo mais antigos, o Straight Edge brasileiro nasceu no seio do Coletivo Juventude Libertária. Este Coletivo era constituído por jovens anarquistas que participavam da cena hardcore/punk de São Paulo, no fim da década de 1980 e início da década de 1990. Conforme entrevista concedida para o Porão Brazil (2012), Nenê Altro, hoje membro da banda Dance of Days e membro da extinta banda Personal Choice, a Juventude Libertária tinha cinco células na região metropolitana de São Paulo, e em outras cidades paulistas como Rio Claro, Araras, Santos, Cubatão. Também tinha articulações com a Anarchist Youth Federation (Federação Jovem Anarquista)¹⁴, de sede em Nova Iorque, Estados Unidos.

Em 1994, a Juventude Libertária, junto com o apoio da Anarchist Youth Federation lançaram um compacto, denominado “Tudo Aquilo Que Não Mata o Poder é Morto por Ele”, contando com bandas importantes da cena paulista da década de 1990. Bandas straight edges paulistanas, como No Violence, Personal Choice e Positive Minds também contavam com seus membros participantes do Coletivo. É a partir dessas bandas da Juventude Libertária que surge a primeira Verdurada.

Figura 4 - Capa do disco "Tudo Aquilo Que Não Mata o Poder é Morto por Ele"



Fonte: Site Discogs (2015)

Neste contexto, o Coletivo acabou assumindo a função de suporte político anarquista para a constituição posterior da cena Straight Edge de São Paulo, sendo que os próprios membros straight edges reconhecem este feito. De acordo com uma entrevista concedida por um straight edge para Bittencourt (2011a, p. 197):

O straightedge brasileiro era político porque a base dele saiu da Juventude Libertária. Tinha uns que ficavam isolados, que não se envolviam politicamente com nada, mas a essência da cena, que era a paulista e que depois desenvolveu para o resto do país, sem ser assim “bairrista”, mas era a referência ... eu acho que foi a parte política, o straightedge político. A gente tinha essa vontade de estar mudando alguma coisa, ir além da coisa “pessoal”, se importar também com o mundo (L, 32 anos).

Após ressaltar as particularidades e semelhanças da cena Straight Edge paulistana com as cenas desenvolvidas nos Estados Unidos e sua intrínseca relação com o movimento punk desenvolvido na cidade, passaremos agora a descrever, de maneira sucinta, alguns valores e posturas difundidos pela grande maioria dos jovens straight edges de São Paulo. Lembramos sempre que esses valores nada podem dizer sobre o Straight Edge de maneira dissociada. O que faz a identidade Straight Edge são as diversas posturas que compõem o movimento, em sua totalidade.

¹⁴ A Anarchist Youth Federation (AYF) era a Internacional das Juventudes Libertárias da época, a qual auxiliava, de diversas formas, a cena punk/hardcore ao redor do mundo.

1.2.1 Livre de drogas

A sentença de desce redondo/ Embriaguez é a ruína da razão/ É uma velhice prematura/ Uma morte temporária/ Jogando sujo a moda capitalista/ Diversão, alucinação e alienação/ Vício degradante e humilhante/ Social, prático e legal/ Uma velhice prematura/ Uma morte temporária/ Deturpação de ideias/ Ideias deturpadas
Descarga – Teor Alcóolico

O sentido de não consumo de drogas no Straight Edge, sejam elas lícitas ou ilícitas não é associado a uma posição conservadora de combate as drogas, nem a uma pureza religiosa. Ela está associada a mais um elemento combativo do movimento. Na sociedade urbana, de maneira geral, é aceitável que adultos bebam e fumem, sendo que as duas drogas estão associadas, muitas vezes, a ambientes festivos e de comemoração. Para os straight edges essa prática remete a uma destruição do corpo, ao mesmo tempo que os mantém afastados de sua consciência o que, para o grupo, pode significar não ter o pleno raciocínio para agir e alcançar alguma mudança.

Ou seja, para os straight edges não existe o limiar de legalidade ou não na questão das drogas. Para eles, tanto as legalizadas quanto as ilegais são, ambas, nocivas para o pensamento crítico. De acordo com Haenfler (2004), os straight edges acreditam que as pessoas que se utilizam das drogas acabam a tomar atitudes que não gostariam por uma pressão social. O apelo ao uso de drogas é ainda mais latente no período da adolescência, onde, segundo Turra Neto (2004), acontece um período de transição, de passagem de sociabilidade familiar para outros círculos sociais, mais amplos, buscando novos referenciais. A adolescência é, então, um período caracterizado por Turra Neto (2004) como de ensaios e erros, de experimentações.

Os straight edges se diferenciam nesse sentido de outras identidades juvenis contemporâneas por não possuírem esse desejo de experimentações de novas

sensações por meio das drogas, negando o niilismo¹⁵ de outras identidades próximas a eles de convivência e lugares, como os punks.

1.2.2 Veganismo

It's not for health/ It's not for fashion/ The vegan choice/ It's an ethical question/ It's not right/ To kill to survive/ This cruelty must stop/ Right Now!/ Make a personal vegan choice/ Respect life and living beings/ Make a personal vegan choice/ Help to start a new humanity/ Right Now¹⁶
Personal Choice – Vegan Choice

Para os straight edges paulistanos, o veganismo já é parte das outras condutas e valores adotados pelo grupo. O veganismo prega uma alimentação onde nenhum dos alimentos devem ter origem animal em sua composição. Para Souza (2007), essa prática é um passo adiante do vegetarianismo pelos straight edges. Muitos já possuem o desejo de se tornarem veganos, mas como um passo intermediário, almejam o objetivo do vegetarianismo, para enfim, conseguirem uma alimentação livre de presença animal.

Essa prática não se restringe apenas a alimentação. De fato, os straight edges não consomem nenhum tipo de produto que tenha alguma substância em sua fórmula de composição advinda de animais. Também não consomem produtos que utilizam animais para testes científicos. Não vestem roupas feitas de couro, penas ou lã e, os cremes dentais, conforme Souza (2007), como não se tem muitas opções de produtos livres de uso de animais, são fabricados em casa, por meio de orientações em sites e fanzines. Segundo Souza (2007, p. 28):

Ao serem indagados sobre o motivo dessas restrições, os straight edges aproveitam para divulgar os princípios nos quais elas se baseiam, bem como os dados empíricos sobre as condições às quais os animais são submetidos. Para eles, o sistema de idéias que permite tal tratamento é fundamentado num tipo de preconceito comparável ao destinado a negros e mulheres em situações de racismo e machismo, respectivamente. Trata-se do especismo,

¹⁵ Para entender melhor a relação do Punk com o niilismo, ver MELÃO (2012).

¹⁶ Não é por saúde/ Não é por moda/ A escolha vegana/ É uma questão ética/ Não é certo/ Matar para sobreviver/ Essa crueldade deve parar/ Agora mesmo! / Faça uma escolha vegana pessoal/ Respeite a vida e os seres vivos/ Faça uma escolha vegana pessoal/ Ajude a começar uma nova humanidade/ Agora mesmo. (Tradução nossa)

segundo o qual uma determinada espécie - no caso, a espécie humana - tem supremacia sobre as demais.

Portanto, o veganismo para os straight edges não é uma questão de saúde, por acreditar que esta seja uma dieta mais saudável para seus corpos, mas sim uma questão ética de respeito aos animais. Segundo Bittencourt (2011a), muitos straight edges não se preocupam em fazer um acompanhamento nutricional desta dieta para que fique equilibrada, pois este não é o foco. Conforme Souza (2007), a obra de Peter Singer, *Libertação Animal*, é a referência para os straight edges construírem seus argumentos.

Esta escolha acaba definindo percursos e lugares para os straight edges, ao passo que não é em todo ambiente que conseguirão se alimentar. Ao mesmo tempo, essa escolha também se reflete nas roupas que utilizam com os dizeres “Livre de crueldade animal” e também em festivais organizados pelo grupo, como por exemplo, o “Animal Liberation Fest”.

1.2.3 Lógica Do-It-Yourself (DIY) / Atitude positiva

(...) A indiferença é a máscara covarde da injustiça/ O início da ação é a indignação/ Seu papel não é assistir/ Você pode agir... e reagir! / Recuse a letargia que invade o seu ser/ A resistência começará em você/ Seja um agente de sua própria história/ Esperar não é saber.
Point Of No Return – Letargia

A lógica do faça-você-mesmo (DIY) é mais uma das influências do Punk nos straight edges. O faça-você-mesmo é traduzido pelo poder que a juventude percebe em si. Os straight edges, assim como os punks, entendem a mudança da sociedade a partir da idéia de que ela passa por eles, ou seja, de que não basta apenas se indignar, deve-se agir. Quando os punks colocam que se deve fazer parte e ajudar o movimento, é a idéia do faça-você-mesmo, de que alguma forma aquela pessoa pode dar sua contribuição para a mudança.

Todo o universo Straight Edge é composto pela lógica DIY. Na composição de bandas, na produção de fanzines, na confecção de roupas, no preparo de alimentos, na organização de shows, debates, festivais. Tudo é feito, distribuído e circulado de maneira independente, com conhecimentos adquiridos ao longo do tempo de

convivência com o grupo, sem a intenção de gerar lucro, de acordo com a colocação de Haenfler (2004).

A diferença entre os punks e os straight edges é a utilização da lógica faça-você-mesmo. Enquanto no início do punk isso se remetia a uma destruição de tudo, sem um objetivo claro, no Straight Edge o faça-você-mesmo está atrelado a uma posição positiva frente ao mundo.

A atitude positiva é a “sobriedade” da mente e do corpo para propor e provocar mudanças na sociedade. Diferentemente da destruição, o Straight Edge coloca a construção. Desta forma, a atitude positiva pode ser entendida como um “autocontrole” do corpo, conforme Bittencourt (2011a), mantendo-o afastado das drogas, mas também significa uma postura positiva no posicionamento político.

1.2.4 True `Till Death

Strong feelings are breaking chains to end your poisonous ways/
cleaning all the dirtiness from our veins// Discipline is the weapon of a
struggle raised to stay/ Bonds, unbroken... proving that the weakness
of all those who sold out can be overcome/ Self assurance feeds an
inner flame that gives me strength/ It makes me grow enough/ I'll
never forsake this vow, setting myself apart from what decays/ It
fortifies me and I won't break away!/ I'll always live straight edge¹⁷
Self Conviction - Unbroken Feelings

Sempre é ressaltado no Straight Edge como esta identidade, que foi escolhida, não tem apenas um caráter transitório. Para Bauman (2001), no contexto em que vivemos, as identidades se tornam cada vez mais mutáveis ao longo do tempo. Quando tudo é transitório, manter uma identidade fixa, para o autor, não é bem recebido pela sociedade. Conforme o autor, a estratégia do pós-moderno é evitar que a identidade se fixe.

¹⁷ Sentimentos fortes estão quebrando correntes para acabar com suas maneiras venenosas/
Limpando toda a sujeira de nossas veias/ Disciplina é a arma de um esforço criado para ficar/
Vínculos, inquebráveis... Provando que a fraqueza de todos aqueles que se venderam pode ser
superada/ Altivez alimenta uma chama interior que me dá força/ Faz eu crescer o suficiente/ Eu nunca
vou abandonar esse voto, deixando-me aparte do que decai/ Isso me fortalece e eu não vou quebrar!
Eu sempre viverei straight edge.

Obviamente, não aceitamos a definição de identidade como imutável ao longo do tempo. Porém, torna-se relevante que esse lema “True ‘Till Death” é repetido por diversos jovens straight edges, seja nas falas de como se manter verdadeiro, seja nas roupas com o lema escrito ou mesmo nas letras de música, como canta a banda Chain of Strength, na música denominada “True Till Death”.

O “Verdadeiro Até a Morte” significa, para os straight edges, manterem-se adeptos as posturas do Straight Edge, como o veganismo, a não utilização de drogas, o pensamento de esquerda, a música hardcore. Significa que os posicionamentos de contestação da sociedade obtidos na juventude, permaneçam com os straight edges até envelhecerem.

Conforme Haenfler (2006), muitas vezes este lema não é alcançado. Muitos straight edges acabam desistindo quando passam a vida adulta e suas responsabilidades. Porém, outros conseguem conciliar suas novas obrigações e permanecer com as posturas do Straight Edge, sendo muitos ainda ativamente participativos na cena. Assim, enquanto Bauman (2001) ressalta a transitoriedade das identidades na “modernidade líquida”, conforme termo do autor, jovens straight edges tatuam seus corpos com os dizeres “True ‘Till Death”, como nos demonstra Bittencourt (2011a).

2 Os lugares straight edges em São Paulo

O Straight Edge é uma identidade gerada a partir da música, mas que não se restringe apenas a música. Isso implica dizer que os straight edges produzem além de músicas diferenciadas, práticas sócio-espaciais diferenciadas, seja pelos seus modos de consumo particulares ou por seu circuito composto de lugares que apenas ao grupo fazem sentido quando tomados em conjunto.

Apesar de ter sido gerado em Washington D.C., a identidade Straight Edge e os straight edges se espalharam pelo mundo de maneiras diferentes, como evidenciamos no caso dos straight edges paulistanos. Este fenômeno pode ser entendido como uma diferenciação sócio-espacial. Para tal, devemos entender os straight edges como uma identidade territorial, conforme Haesbaert (2013).

Como trata-se de uma identidade territorial contemporânea, os straight edges convivem nestes lugares com indivíduos ou grupos de identidades diferentes a eles. Haesbaert (2013) demonstra que no mundo globalizado atual, aparecem identidades fragmentadas e sobrepostas, revelando o confronto e o diálogo, elaborando novas formas de identificação social. Desta forma, os espaços atuais são muito mais híbridos e mesclados, não perdendo, ao todo, suas antigas propriedades. Massey (2005) também vai nessa direção, apontando que os lugares não têm mais identidades únicas, possuindo seus conflitos e interesses.

Portanto, é extremamente necessário delimitar os locais frequentados pelos straight edges na cidade de São Paulo, assim como qualificá-los e demonstrar como estes indivíduos se apropriam dos lugares que não são destinados a eles e conseguem ressignificá-los e simbolizá-los. Os straight edges paulistanos formam um circuito na metrópole, conforme Souza (2007, p. 29), marcado por “(...) restaurantes, lanchonetes, sorveterias, lojas de disco (...), lojas de produtos vegetarianos, vegans, naturais e orgânicos, lojas de roupas ‘livre de crueldade’, casas de shows, manifestações e centros de cultura anarquista”. Os straight edges ressignificam os lugares de duas maneiras. Conforme Souza (2007, p. 30):

A primeira é quando ocupam um estabelecimento como suporte físico, impondo-lhe, enquanto dura a atividade ou manifestação, todos os sinais de seu sistema de valores: a produção e o

gerenciamento do evento ficam totalmente a cargo do grupo. A segunda se estabelece quando se utilizam de uma organização já existente, com suas regras próprias, fazendo porém com que ela sirva, em parte, a seus propósitos.

Elegemos onze lugares frequentados pelos straight edges para que pudéssemos analisar e constituir o circuito Straight Edge na cidade de São Paulo. Separamos dez lugares que são compartilhados pelos straight edges com outros grupos em 3 categorias gerais: os eventos, as lojas e os lugares de alimentação. A Verdurada será apresentada de forma separada, pois ela é a maior representação de um lugar que segue totalmente as práticas e valores straight edges, desde sua concepção, passando por sua organização até a realização do festival em si.

2.1 Os Eventos – Bazar Vegano, Matilha Cultural e Hardcore nas Ruas

O Bazar Vegano é um evento que ocorre, preferencialmente duas vezes por ano na cidade de São Paulo, reunindo diversos produtos, atividades e serviços relacionados ao veganismo. Conforme Gonzaga, do Blogfolha Veg, o evento ocorre desde o ano de 2006. Segundo os organizadores, conforme página oficial no Facebook, o evento reúne “ONGs e grupos de proteção animal, veganismo e defesa do meio ambiente, artesãos e cozinheiros veganos, trazendo oficinas e atividades visando promover um estilo de vida mais saudável e o respeito à natureza”.

O último evento ocorreu em setembro de 2014, durante uma manhã e tarde de domingo na Casa do Povo, localizada na Rua Três Rios no bairro do Bom Retiro, próximo ao metrô Tiradentes e a casa de show Hangar 110¹⁸. Neste evento, contou-se com a presença de 21 ONGs e 21 cozinheiros, além de mais de trinta expositores. Dentre estes, tivemos a presença de ativistas, cozinheiros e lojas straight edges, assim como também uma parcela do público frequentador do evento. Encontramos diversos straight edges vendendo camisetas de bandas, patches e produtos relacionados ao Straight Edge e também ao veganismo.

Trata-se de um espaço não somente destinado aos straight edges, com mais recursos do que os festivais proporcionados por eles. Porém, era nítido ver como

¹⁸ Casa de show famosa por apresentar bandas da cena de Hardcore, Straight-Edge e Punk.

não se sentiam desconfortáveis nesse ambiente. Perguntamos sobre os interesses em visitar este tipo de evento para um straight edge que frequentava o local, o qual nos respondeu que conseguia conhecer novos produtos e novas informações sobre o que está ocorrendo sobre o tema neste evento. Além disso, também nos informou que podia encontrar outros straight edges conhecidos no lugar e também ter a possibilidade de conhecer novas pessoas que promovem a discussão do veganismo.

Figura 5 - Folder do Bazar Vegano



Bazar VEGANO
obazarvegano.wordpress.com

14 Domingo Setembro 10h - 19h Rua Três Rios, 252 Bom Retiro - SP

Expositores

ONGs e grupos - Térreo

- Veganismo.org.br
- Matilha Urbana
- DIAMA
- Bigode Feliz
- União SRD
- Natureza em Forma
- Projeto Mucky
- Pet Feliz
- Camaleão
- VEDDAS
- Não Mate
- Toca dos Gatinhos
- O Time do Tigor
- Veganos pela Abolição
- SVB
- Instituto Nina Rosa
- Sítio Espírito Santo
- ASSEAMA
- Diana Quick-Massage
- CIA do Bicho
- Vira Lata é dez!

Expositores - 1º andar

- Cheiro de Mato
- Lotus Feet Art
- Luz do Sal dos himalaia
- Atelier Carvalho
- Artmanha
- Virginia Caldas
- Peppermint
- Mandarina
- Fortuneé
- JMA
- Azul
- Save'm
- Feltô Brasil
- Veggie Life Store
- Ateliê Arte Cheiro
- Peperomia
- Paula Guima
- Patchwork by Celia
- Gatatuca
- Serrá o Benedito
- Surya
- Libertação Animal Front
- Casal Natureba
- Chocovegan
- Arte Vegan
- Bio Bio Saúde feminina - coletoras menstruais e absorventes ecológicos
- Emporium Vida
- Alva Brasil
- Animal Libera
- Atelier Yas & Brisa
- Revista Vegetarianos
- Mirian dos Bolos

Expositores - 2º andar

- Vegão e Veganicos
- Ateliê Vipe
- Sonhos da Selma
- Delicioso Bandeirão
- Guido Libera
- 7 Pães
- Bem te Vegan
- Emporium Vida
- Sobria Mesa
- Emporio Árabe
- No More Pain
- Surya
- Shanti Vegetariano
- ASSEAMA
- Lact Free
- DNA Vegan
- Zen Com a Vida
- Amurte Amurte!
- Victor Garofano Bolos Trufados
- Chicano Vegano e Cotton Candy
- Casa da coxinha Vegana

Fonte: Facebook Oficial do Bazar Vegano (2014)

Figura 6 - Banca de venda e foto do público no Bazar Vegano¹⁹



¹⁹ Pudemos observar a venda de merchandising straight edge no evento, como da banda xBalaclavax.

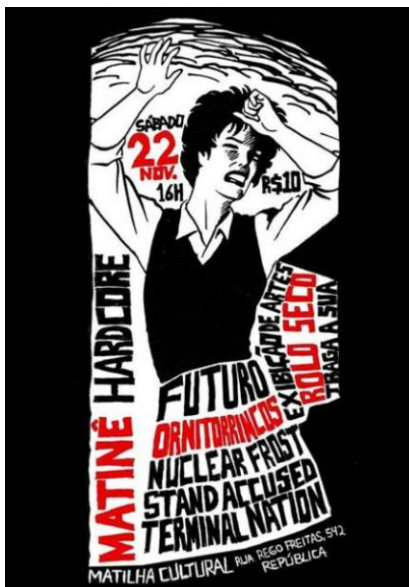
Fonte: Facebook Oficial do Bazar Vegano (2014)

A Matilha Cultural é um espaço dedicado a arte independente, localizado no Centro de São Paulo, na rua Rua Rêgo Freitas, próximo a Estação de Metrô República. Conforme seu site oficial, o espaço é um centro cultural sem fins lucrativos, com o objetivo de apoiar e divulgar produções culturais e iniciativas concernentes as temáticas sócio ambientais e de direitos humanos no país. O local possui, além de um cinema, uma galeria, onde são executadas diversas exposições e eventos.

Conforme as práticas organizacionais do lugar, assim como seus objetivos, tornou-se mais um espaço para desenvolvimento de shows de hardcore e, conseqüentemente, da presença de straight edges. No mês de novembro de 2014, aconteceram os shows das bandas Boom Boom Kid e Vallejo Sunset, que contou com a presença de Juninho Sangiorgio executando a discotecagem do evento. Dois dias depois, ocorreu também na Galeria da Matilha Cultural o “Matinê Hardcore”. Com ingresso de dez reais, o evento contou com um grande número de bandas paulistanas, entre elas a banda Straight Edge Futuro.

Na Matinê Hardcore, tratando-se de um espaço compartilhado com outros grupos, não se podia ver os símbolos dos straight edges posicionados nas paredes ou nas barracas de venda, apenas no merchandising da banda Futuro. Como o lugar também é utilizado para outros fins, não existiam referências completas, apenas algumas que remetiam ao evento. Porém, conversando com um straight edge que freqüentou o show, percebemos que aquele lugar possui uma estrutura boa em comparação a outros locais utilizados e que já se tornou um novo lugar para shows e encontros dos próprios straight edges, já que os preços são acessíveis e as práticas e valores do lugar encontram semelhanças com o grupo.

Figura 7 - Folder do evento Matiné Hardcore



Fonte: Site do Matilha Cultural (2014)

Figura 8 - Imagem de divulgação da Matilha Cultural



Fonte: Evento Matiné Hardcore criado no Facebook (2014)

O Hardcore nas Ruas é um festival inspirado na Verdurada de bandas de Hardcore, as quais algumas são bandas straight edges ou com integrantes straight edges. O primeiro evento ocorreu em outubro de 2014 e o segundo, Hardcore nas Ruas – Edição Especial Dia Internacional da Mulher, o qual acompanhamos, no início do mês de março de 2015. Assim como o Verdurada, além dos shows das bandas da cena Hardcore, temos também a presença de diversas barrquinhas de

vendas de merchandising das bandas, comidas e artigos de vestuário, assim como palestras e oficinas.

As duas edições do Hardcore nas Ruas aconteceram na Praça Ouvidor Pacheco e Silva, em frente ao Largo São Francisco, no Centro de São Paulo. O evento acontece na rua, de forma totalmente gratuita, sendo o objetivo, segundo um dos organizadores do evento, Juninho Santiagiorgio, tomar as ruas e praças da cidade para fazer arte e política (Hardcore nas Ruas, página oficial do Youtube). A Página Oficial do Facebook do evento nos mostra o objetivo que se pretende atingir:

O Hardcore Nas Ruas é um novo projeto que traz para espaços públicos da cidade de São Paulo shows, palestras, debates, vídeos e oficinas, todos realizados gratuitamente. Cada evento terá um tema gerador, que irá nortear a escolha das bandas, palestrantes, e demais atividades. O objetivo é que sejam discutidos temas que ajudem a construir uma visão crítica do indivíduo dentro da sociedade, revelando o que tem por detrás de um mundo cheio de desigualdades, racismo, sexismo, especismo, apontando quem se beneficia com isso e reforçando que existe muita gente tocando lutas, realizando trabalhos de base e fazendo a resistência em busca de um mundo mais justo. O hardcore formou inúmeras mentes nas últimas décadas, aprendendo e ensinando nas letras de músicas, nos shows, nas atitudes, criando um verdadeiro estilo de vida positivo e cheio de inspirações políticas que precisamos colocar em prática o máximo possível. Queremos criar uma verdadeira ponte entre o hardcore e as lutas sociais. Esse é o Hardcore nas Ruas.

A edição de março que acompanhamos foi dedicada ao feminismo. Os shows foram protagonizados pelas bandas XDead EndX²⁰, Carangi, Nuclear Frost e o grupo de rap A's Trinca, todos os grupos contando com a presença de mulheres. As oficinas eram do Coletivo Pedalinas e do Não Mate. Pedalinas são mulheres que se encontram e se apropriam da cidade por meio da bicicleta. No evento, pude presenciar que a oficina era sobre manutenção de bicicletas. Já o Não Mate é um coletivo de meninas sobre veganismo. No lugar, estavam fazendo uma oficina de stêncil. A palestra foi sobre feminismo e a mulher negra, com a presença, segundo o site Zona Punk de "(...) Andreza Delgado militante do Movimento Negro, Nênis Vieira do Bogueiras Negras e Dina Alves com sua tese sobre mulheres negras encarceradas". Também teve a presença das artistas Siss e V, que fizeram pinturas

²⁰ É comum que bandas straight edges coloquem o "X" no início e no fim de seus respectivos nomes.

enquanto aconteciam os shows para mostrar como a cidade pode ser utilizada para a arte.

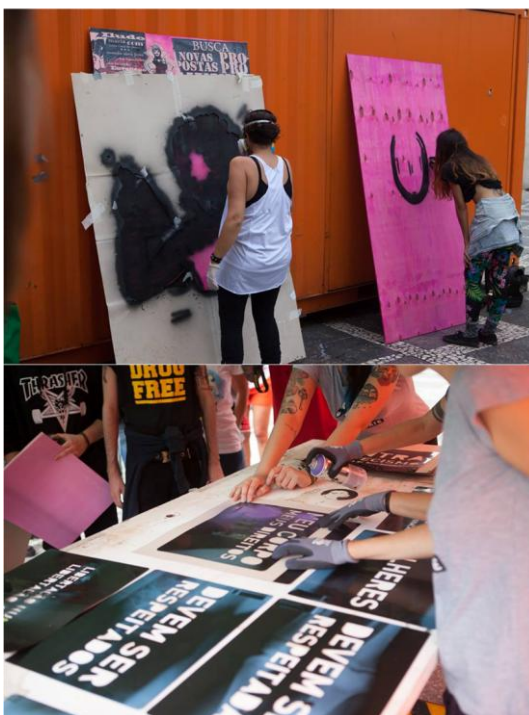
No evento, pudemos constatar a presença de vários straight edges no público, na organização, nos coletivos e nas barracas de venda, como a presença do Mini Bazar Vegano e do Gorilla Vegan Burguer, onde tiveram alimentos totalmente veganos servidos, além de artigos de vestuário. O evento iniciou às 13h, da mesma forma que o Verdurada, com todos que chegavam ajudando na organização e se encerrou à tarde. Interessante ressaltar como pessoas de fora desse circuito que passavam pela praça no momento do evento se indagavam e se interessavam sobre o que estava acontecendo no momento. Em uma entrevista com um senhor, foi nos dito que ele não apreciava a música, mas que estava achando a iniciativa “bacana” e que esperava ver mais vezes.

Figura 9 - Público no Hardcore nas Ruas



Fonte: Facebook oficial do Hardcore nas Ruas (2014)

Figura 10 - Oficinas do Hardcore nas ruas



Fonte: Facebook oficial do Hardcore nas Ruas (2014)

Figura 11 - Faixa do Passe livre colocada no hardcore nas ruas



Fonte: Facebook oficial do Hardcore nas Ruas (2014)

2.2 As lojas – Veggie Life Store, Arte Vegan, Loja 255 e The Records

A Veggie Life Store existe desde 2013, baseada numa tentativa de se ter uma loja vegana e Straight Edge em São Paulo. Localiza-se na Galeria Nova Barão, na

Rua Barão de Itapetininga, no centro da cidade. Conforme o site da loja, na seção “Sobre Nós”, trata-se de uma loja que busca conciliar veganismo com os valores do Straight Edge:

O que é a Veggie Life Store?

É a nova loja voltada ao público VEGetAriaNo e a todos que lutam de alguma forma pelos direitos dos animais e humanos, entre os temas abordados pela loja também estará muito presente o StraightEdge, a Luta por Igualdade e o Faça Você Mesmo.

Na loja encontra-se artigos de vestuário, como bonés, roupas e patches com as temáticas do veganismo e do Straight Edge, alimentos e cosméticos livres de exploração animal em sua fabricação. Além do dono e de funcionários serem straight edges, grande parcela do público da loja também faz parte desta identidade. Trata-se de uma loja simples, pequena, mas bem organizada, onde além dos produtos comercializados, também pode-se notar a presença dos straight edges que entram no lugar apenas para conversar.

Figura 12 - Loja da Veggie Life



Fonte: Site oficial Veggie Life Store (2014)

Figura 13 - Camisetas comercializadas na Veggie Life Store



Fonte: Site oficial Veggie Life Store (2014)

A Arte Vegan é mais uma opção no centro de São Paulo para a compra de produtos vegetarianos e veganos para os straight edges, aliando-se ainda, ao fato de estar localizada na Galeria do Rock (Galeria São João), localizada na Avenida São João. Os straight edges que já freqüentavam o lugar anteriormente, passam a ter uma opção de alimentação, além da venda de DVDs e camisetas dentro da loja, tendo já se tornado um ponto de encontro, conforme destacado no site oficial da Arte Vegan, e também apurado através de uma conversa com um freqüentador straight edge.

Figura 14 - Loja Arte Vegan



Fonte: Site oficial Arte Vegan (2014)

Figura 15 - Produtos comercializados na Arte Vegan



Fonte: Site oficial Arte Vegan (2014)

A Loja 255 encontra-se no primeiro andar da Galeria do Rock. Não é uma loja especificamente Straight Edge, mas é muito utilizada por eles pelas venda de materiais independentes, como CDs, Dvds, LPs, camisetas de bandas e principalmente ingressos de shows da cena Hardcore. A loja faz questão de ressaltar

que não pratica venda online, é apenas uma loja física. Encontra-se na Galeria do Rock desde 1994 e é uma referência para o meio punk/hardcore, sendo comum straight edges frequentarem o lugar. Os ingressos do festival Verdurada, por exemplo, são sempre vendidos na loja.

Figura 16 - Fachada e espaço da loja 255



Fonte: Facebook oficial Loja 255 (2015)

Figura 17 - Cds comercializados na Loja 255

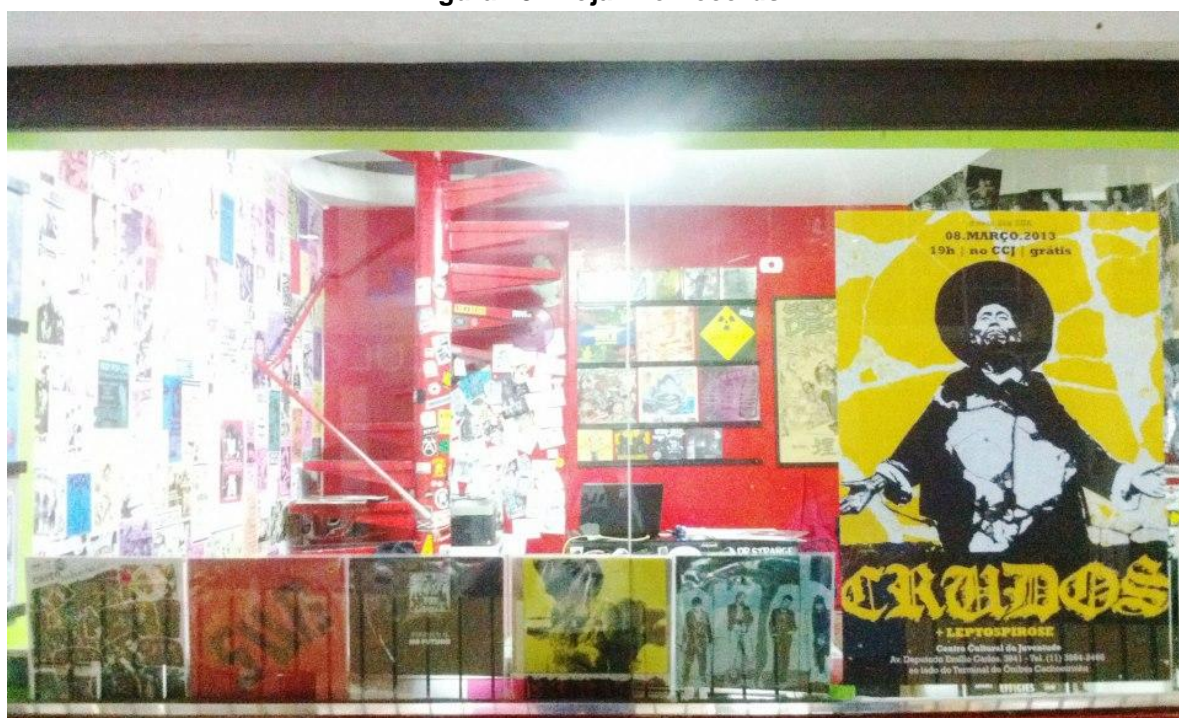


Fonte: Facebook oficial Loja 255 (2015)

A loja The Records, assim como a 255, também baseia-se na venda de merchandising de bandas independentes e de outros tipos de produtos ligados a temática do Hardcore e do Straight Edge. Da mesma maneira, também esteve a venda na loja os ingressos para o Verdurada. Conversando com um straight edge

que frequenta a loja, foi nos dito que ela é mais próxima ao Straight Edge do que a loja 255, apesar de frequentar as duas. Ele relatou que consegue uma maior quantidade de materiais relativos às bandas straight edges na The Records. A loja também se localiza na Galeria Nova Barão.

Figura 18 - Loja The Records



Fonte: Facebook oficial Loja The Records (2015)

Figura 19 - Espaço interno da Loja The Records



Fonte: Facebook oficial Loja The Records (2015)

2.3 Os lugares de alimentação – Vegacy, Apfel e Sorveteria Soroko

O restaurante Vegacy localiza-se na Rua Augusta, número 2030, no estilo self-service. Muitos straight edges se utilizam do lugar durante a semana e nos fins de semana por ser uma opção de alimentação vegana, simples e com preços acessíveis. O restaurante, que funciona também como lanchonete, conta em sua equipe de funcionários com alguns straight edges. Conversando com um freqüentador straight edge no lugar, foi nos dito que a refeição é feita por lá algumas vezes da semana, por ser uma boa opção próximo de onde trabalha (o Vegacy fica próximo a Avenida Paulista) e que também pode encontrar alguns amigos no restaurante.

Figura 20 - Fachada do Vegacy



Fonte: Facebook oficial Vegacy (2015)

Figura 21 - Comida servida no Vegacy

Fonte: Facebook oficial Vegacy (2015)

O Apfel é um restaurante vegetariano que possui duas localizações em São Paulo: na rua Bela Cintra, próximo a Rua Augusta e, próximo a Galeria Nova Barão, na esquina da rua Dom José de Barros com a Barão de Itapetininga. O restaurante coloca como uma de suas metas o respeito pela cidade, promovendo até uma caminhada noturna pelo centro da cidade em determinadas épocas. Conforme o site oficial, “isto tudo demonstra a preocupação do Apfel Restaurante com o solo, o meio ambiente e a sociedade que queremos construir”. Apesar de não possuir preços tão baixos, é bastante utilizada pelos straight edges que freqüentam a Galeria Nova Barão, dada a sua proximidade.

Figura 22 - Fachada e espaço interno do Apfel

Fonte: Facebook oficial Apfel (2015)

Soroko trata-se de uma sorveteria simples, localizada no início da Rua Augusta, no centro da cidade de São Paulo. A sorveteria possui um espaço pequeno, onde ficam dispostos os sabores dos sorvetes e as mesas para os clientes. O diferencial da sorveteria para os straight edges está no fato de ter alguns tipos de sabores fabricados sem leite, veganos. Como fica próximo a locais de residências de alguns straight edges se tornou um ponto de encontro para muitos deles. Além disso, os preços são acessíveis e o dono compreensível com o grupo, tanto que, em diversas oportunidades, é possível presenciar materiais de bandas ou de shows Straight Edge colocados nas paredes da sorveteria e, também, alguns flyers do lado do caixa. Segundo relatos do trabalho de Souza (2007), a sorveteria já foi mais utilizada, devido a um incidente ocorrido com um menino ambulante²¹. Porém, quando de nossa visita, pudemos constatar uma boa presença de straight edges no local, sendo que dois afirmaram que aquela situação havia sido superada.

Figura 23 - Sorveteria Soroko



Fonte: Facebook perfil Meu Prato Feito (2015)

²¹ Segundo relato de Souza (2011), o menino vendia balas e doces e foi expulso pelo dono da loja, gerando uma discussão com os straight edges que freqüentavam o lugar.

2.4 A Verdurada

A Verdurada é o principal evento Straight Edge brasileiro e um dos mais importantes no contexto mundial. O evento é organizado pelo Coletivo Verdurada, composto apenas por straight edges ativos do circuito paulistano. A organização deste coletivo é autônoma e horizontal. Além disso, o Coletivo Verdurada também não tem fins lucrativos e nem patrocínios.

O festival iniciou-se no ano de 1996, sempre ocorrendo na cidade de São Paulo, normalmente aos domingos, contando com diversas apresentações de bandas da cena local, além de algumas bandas maiores nacionais e internacionais. A Verdurada também conta com palestras de interesses do grupo, exibição de filmes e documentários, distribuição e venda de CDs, DVDs, artigos de vestuário, patches, livros e fanzines, além de outras artes, e uma banca com fornecimento de alimentos veganos. Ao final de toda Verdurada é servido um jantar vegano, o qual já é incluso no preço do ingresso. Conforme o site do festival:

O Coletivo Verdurada é o responsável pela organização do evento, que acontece bimestralmente em São Paulo desde 1996. A verdurada consiste na apresentação de bandas quase sempre de hardcore e palestras sobre assuntos políticos, além de oficinas, debates, exposição de vídeos e de arte de conteúdo político e divergente. Ao fim do show é distribuído um jantar totalmente vegetariano. Este é o mais importante evento do calendário faça-você-mesmo brasileiro. A organização do evento é totalmente feita pela própria comunidade hardcore-punk-straightedge de São Paulo, que se encarrega tanto do contato com as bandas e palestrantes, quanto da locação do espaço, contratação das equipes de som e divulgação. Os objetivos de quem organiza a verdurada são basicamente dois: mostrar que se pode fazer com sucesso eventos sem o patrocínio de grandes empresas e sem divulgação paga na mídia e levar até o público a música feita pela juventude raivosa e as idéias e opiniões de pensadores e ativistas divergentes.

A Verdurada não tem um espaço físico fixo. Conforme o passar das edições, são procuradas outras casas de shows e galpões para que o evento seja realizado. As razões para as mudanças variam, mas primordialmente se dão devido à

localização do local (acesso de transporte público), o preço do aluguel e seu tamanho. O “galpão do Jabaquara”, ou “galpão do Verdurada” como os straight edges chamam, localizado na rua Anita Costa, ao lado da estação de metrô Jabaquara, hospedou o evento de 2001 até 2009 e ainda hoje é lembrado pelos straight edges. A verdurada chegou a ter um público de mais de 1200 pessoas neste galpão.

Após 2009, o galpão do Jabaquara foi fechado pela prefeitura de São Paulo e o Coletivo Verdurada se viu obrigado a organizar o festival em outros locais, não tendo mais uma localização fixa. No clube Inferno, na Rua Augusta, foi realizada uma edição em outubro de 2009. Mas o local não foi bem aceito pela organização, pois trata-se de uma casa de show profissional. O intuito do festival é levar a cena Straight Edge em espaços que não tem essa utilização, para se colocar novas práticas e éticas naquele lugar, nem que seja apenas por um dia. “Subverter a ordem do lugar”, conforme respondido por um straight edge entrevistado. A convocação ao evento na época demonstra bem estes aspectos, conforme o site da Verdurada:

Sobre o “novo” local:

Como muitos de vocês já devem saber, o antológico galpão do Jabaquara, local onde o evento foi realizado entre 2001 e 2009, foi fechado pela prefeitura. Desalojados, passamos os últimos meses procurando um novo local, mais ou menos com as mesmas especificações, onde fosse possível realizar o evento sem abrir mão da qualidade ou dos princípios da Verdurada.

Infelizmente, não conseguimos achar um local a tempo para a Verdurada de outubro. Para não deixar o público ou as bandas convidadas na mão, decidimos excepcionalmente realizar o evento na casa de shows Inferno, que topou abrir mão da venda de bebidas alcoólicas e não interferiu na nossa maneira de fazer as coisas.

Pelo que vimos em outros shows do cenário hardcore feitos no Inferno nos últimos tempos, o local não comprometerá em nada a qualidade ou o espírito da Verdurada. Ainda assim, por diversos motivos, continuamos procurando um local novo, que não seja uma casa de shows profissional e acomode bem o público e a organização do evento nos moldes do bom e velho galpão. Isso significa: capacidade para pelo menos 800 pessoas, cozinha ou equivalente, banheiros utilizáveis e localização próxima a alguma estação de metrô. Quem encontrar um local assim entrará de graça em todas as Verdurasas realizadas por lá até o fim dos tempos. Contamos com a sua ajuda!

Após este evento foram realizados dois festivais na Rua da Consolação, próximo a estação de metrô Consolação e seis edições, de 2010 a 2012, em um galpão no centro da cidade, próximo a Praça Roosevelt. É destacado neste local que ele, segundo o site da Verdurada, possui “dimensões parecidas às do velho galpão do Jabaquara e um visual marcante”. Essas mudanças de locais para realização do evento também não incomodam a organização, ao dizer que “o tempo passa e o espaço muda, mas o espírito continua o mesmo”.

A edição de 2013 foi realizada na Rua João Passalacqua, no bairro da Bela Vista, centro da cidade de São Paulo, próximo a duas estações de metrô e ainda é destacado ser “cerca de duas quadras da Rua Augusta/ Pça. Roosevelt”. O evento de 2014 se realizou na Lapa, com atendimento de transporte público pelas estações da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos) da Lapa e Água Branca e “com fácil acesso de ônibus”, conforme o convite do evento. Finalizando, o último festival, realizado em fevereiro de 2015, teve como local um galpão no centro da cidade, nas cercanias da Praça da Sé, mais precisamente na Rua Riachuelo.

Figura 24 - Ratos de Porão no Verdurada 2013



Fonte: Site oficial do Verdurada (2015)

2.4.1 A Verdurada 2015

A Verdurada de 2015 foi realizada na data de 1 de fevereiro, iniciando às 16 horas, com a presença de três bandas paulistanas: O Inimigo, XEscuroX e Cadáveres em Transe, sendo as duas primeiras straight edges. Contou também com duas atrações internacionais, a banda straight edge estadunidense de Washington D.C. Coke Bust e, vindo de Londres, Hello Bastards. Também contou com a discotecagem do DJ KL Jay, membro dos Racionais MC's. Conforme convite do Facebook do Verdurada 2015, KL Jay, apesar de não ser um straight edge, “tem tudo a ver com a Verdurada por ser um ferrenho defensor da libertação animal”. O evento também contou com uma palestra e debate sobre o vídeo “Mães – Efeitos Psicológicos da Violência Policial nas Famílias”, que contou com a presença do Grupo Mães de Maio e da diretora do documentário, Clara Ianni. Como de costume, foi servido no final do evento um jantar totalmente vegano, já incluso no preço do ingresso, como de costume.

Figura 25 - Público na palestra do Grupo Mães de Maio



Fonte: Facebook oficial do Verdurada (2015)

Os ingressos custaram apenas dez reais para o festival, mostrando a não preocupação em obtenção de lucro com a realização do evento. Para quem era morador de São Paulo, os ingressos eram disponibilizados nas lojas 255 e The Records. Apenas para quem era de fora da cidade poderia se reservar um ingresso através de um e-mail dos organizadores. Reforça-se assim o desejo dos organizadores de que as pessoas da cidade circulem pelo circuito Straight Edge, que tenham que ir até as lojas para a retirada dos ingressos.

Na Verdurada, os straight edges podem ter todas as suas práticas e valores conjugados. Diferente dos outros lugares anteriormente apresentados, onde os straight edges colocam seus valores em lugares compartilhados com outros grupos, na Verdurada seu uso é exclusivo. Apesar dos organizadores ressaltarem a presença de todos que constituem a cena hardcore, os seus códigos são impostos no lugar. São enumerados sete itens da organização para conhecimento dos frequentadores do lugar, conforme o convite do Facebook da página da Verdurada:

- 1- Por favor, sem álcool, drogas ou cigarro dentro do local do evento.
- 2- Nada de alimentos de origem animal.
- 3- Banquinhas de livros, discos, fanzines e material independente e divergente.
- 4- Venda de comida vegetariana.
- 5- Os shows acabarão antes das 22h30 para que os espectadores possam se valer do sistema público de transporte.
- 6- O dinheiro arrecadado com os ingressos é utilizado para pagar as despesas com o evento (transporte das bandas, locação do espaço, divulgação, locação da aparelhagem de som, etc).
- 7- Havendo lucro, a renda será utilizada em campanhas públicas de assuntos ligados aos interesses do Coletivo Verdurada, como vegetarianismo ético, práticas de democracia direta, questões políticas e sociais variadas, ou doada para iniciativas que estejam de acordo com os princípios do evento e do coletivo.

Já logo na entrada do galpão existia uma placa avisando “sem drogas e sem álcool” para os que chegavam ao evento. O galpão era pequeno e as pessoas chegavam de metrô, ônibus, alguns de bicicleta (o lugar tinha um pequeno espaço reservado para guardá-las) e skate. Poucas pessoas chegaram de carro, sendo a maioria os membros ou rodies²² das bandas, carregando os equipamentos para os

²² Rodies são as pessoas que acompanham as bandas carregando os equipamentos, ajudando na montagem de palco e pré-produção do show.

shows. Dentre essas pessoas, algumas refletiam suas práticas nas roupas, com mensagens como “It’s ok not to drink”, “Drug Free”, “SPHC (São Paulo Hardcore), além das camisetas de bandas straight edges e da gravadora Seven Eight Life Recordings²³. As idades dos freqüentadores eram diversas. Em entrevistas constatee a presença de pessoas de 15 anos até 39 anos.

Adentrando o lugar, na recepção encontravam-se duas meninas, as quais forneciam a pulseira do evento para os participantes e controlavam a venda de ingressos. Isso é algo incomum em outros eventos de hardcore que já presenciamos antes da execução do trabalho. De fato, a presença de meninas no lugar era marcante, muito mais próximo ao número de homens do que em outros shows de Hardcore, o que denota a importância delas dentro da cena Straight Edge de São Paulo. Elas estavam presentes tanto na organização do evento como público, além de também serem convidadas para a discussão do vídeo executado.

Muitas pessoas se conheciam no lugar, apesar de não terem chegado juntas. Antes do show se formavam diversas rodas de conversa em diferentes pontos do lugar, participando o público com aqueles que estavam organizando o evento. Durante os shows, também era percebida esta amizade. Enquanto uma banda tocava, as outras a escutavam junto com o público, participando dele. É comum integrantes das bandas que estão tocando descerem do palco para se misturarem ao público. Outras vezes são algumas pessoas subindo no palco para pegar o microfone e cantar. O público é bem agitado e são comuns os moshpits²⁴. Apesar de a um olhar de fora parecer algo agressivo, a dança é bem respeitada pelo público e as pessoas não se machucam. Diferente de outros shows que ocorrem, aqui banda e público parecem ter uma maior ligação.

²³ Trata-se da maior gravadora e distribuidora independente de bandas straight edges na América Latina. Sua sede localiza-se em Santo André-SP.

²⁴ Também conhecido como roda punk, trata-se do conjunto de pessoas dançando de maneira agressiva ao som da música.

Figura 26 - Show da banda "O Inimigo" na Verdurada 2015



Fonte: Facebook oficial do Verdurada (2015)

O galpão tem um teto baixo, o qual foi pintado de preto, as paredes são de porta de ferros e vermelhas, com pichações. Foram colocados no lugar diversos pôsteres de bandas, como o Cro Mag, a respeito de libertação animal, em apoio ao feminismo e ao aborto. Algumas mesas de bilhar, que já são do galpão, foram utilizadas como mesas para o merchandising das bandas e das outras bancas de venda e, também, para colocarem os equipamentos. Essas bancas vendem salgados veganos, água, suco, fanzines, CDs, Dvds, adesivos, camisetas, tudo relacionado a cena Straight Edge.

Figura 27 - Bancas de vendas no Verdurada 2015

Fonte: Rodrigues (2015)

Quando aberto, o lugar ainda não estava totalmente arrumado. As pessoas que chegavam, como já se conheciam, ajudavam a arrumar o evento, arrastando mesas, ligando fios e cabos, transportando equipamentos, pendurando camisetas. As bandas também se ajudavam emprestando equipamentos umas às outras para que os shows acontecessem.

Um membro do Hello Bastards, na banca que vendia merchandising de sua banda, nos disse que a cena paulistana Straight Edge é muito forte e que esse tipo de evento é um exemplo para as outras cenas. Outros freqüentadores também me ressaltaram a importância do evento para a manutenção do Straight Edge em São Paulo e no Brasil. O vocalista da banda XEscuroX também ressaltou que “cada ano vai entrando gente nova para aumentar a cena” e agradeceu a produção do evento, o Coletivo Verdurada. A importância da cena e dos lugares para a perpetuação do Straight Edge é sempre ressaltada por essa identidade, denotando, mais uma vez,

que trata-se, de fato, de uma identidade territorial. Até mesmo no cartaz do Verdurada há essa preocupação, com a frase “Ayotzinapa & Palestina & Ferguson & São Paulo & Meu bairro & Seu bairro”.

Figura 28 - Cartaz do Verdurada 2015



Fonte: Facebook oficial do Verdurada (2015)

2.5 O Circuito Straight Edge em São Paulo

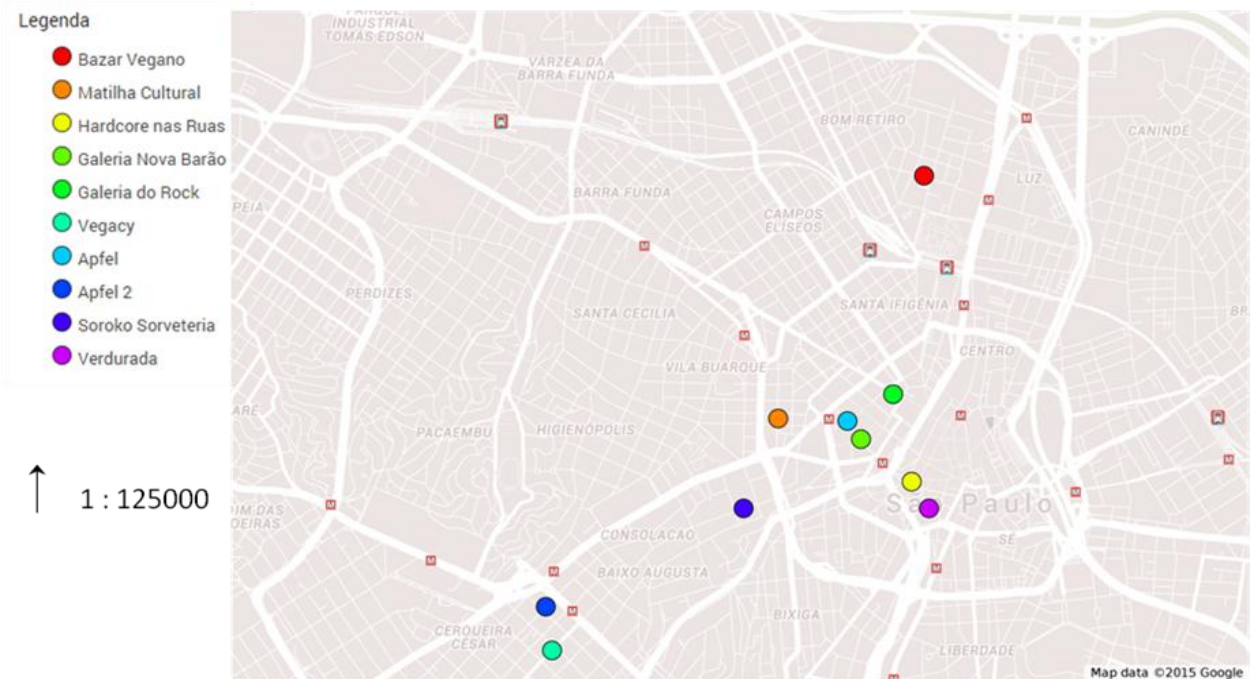
Para demonstrar a espacialidade dos lugares previamente explicitados, produzimos uma figura para que seja evidenciado graficamente os componentes do circuito Straight Edge na cidade de São Paulo. Como podemos perceber, os lugares se concentram basicamente no centro expandido da metrópole, variando principalmente entre o centro antigo e a região da Avenida Paulista e seus arredores.

Essa configuração geográfica do circuito Straight Edge denota alguns aspectos que reproduzem as práticas e valores do grupo, assim como a

geograficidade da cidade. Portanto, os fatores para esta concentração no centro podem ser explicados por diferentes critérios. O primeiro deles, talvez o mais evidente seja o transporte. A região onde está inserido o circuito Straight Edge conta com a maior oferta de transporte público da cidade. Nela estão concentradas diversas linhas de ônibus que chegam de localizações mais periféricas ao centro,

Figura 29 - Circuito Straight Edge

Circuito Straight Edge em São Paulo-SP



Fonte: Rodrigues (2015)

assim como temos uma grande quantidade de linhas e estações de metrô que circundam esta área, conforme demonstrado a figura 29. Isto é relevante, pois o Straight Edge é uma identidade constituída, preponderantemente, de jovens. Estes muitas vezes não possuem recursos financeiros suficientes para a compra de um carro, não possuem habilitação necessária para dirigir, fora o fato de que se utilizar o transporte público está mais de acordo com os valores do grupo que a utilização de um modal individual.

Há de se ressaltar, também, que o centro de São Paulo congrega uma variedade de indivíduos de diferentes classes sociais e diferentes identidades pessoais e coletivas. Assim, o centro torna-se lócus da organização de encontros de

pensamentos coletivos comuns. Claval (2014, p. 142) destaca que “nas sociedades urbanizadas do mundo contemporâneo, frequentemente nos bairros centrais ou nas franjas periurbanas, é mais fácil escapar aos meios coercitivos. As contraculturas são aí particularmente vivas”. Como o straight edge paulistano não se caracteriza por isolamento, mas sim por compartilhar práticas e ideias de outros grupos, assim como convivência mútua, o centro torna-se lugar propício para o desenvolvimento das atividades do grupo. Connel e Gibson (2001) ressaltam a característica da música independente, principalmente o punk, por procurar as áreas centrais degradadas das cidades como uma forma de atender a seus valores. Sendo os straight edges paulistanos muito próximos dos punks, torna-se válida a observação de Connel e Gibson (2001, 102):

Infrastructures of musical exchange solidify the presence of scenes, providing concrete spaces and emphasising cultural meaning for participants. Many such spaces have emerged from oppositional or subversive intent: appropriations of urban spaces for subcultural use (as with warehouse parties), new independent media forms (as with pirate radio) and sites of hedonism such as clubs and festivals – heterotopias with more freedom to challenge moral boundaries²⁵.

Nesse sentido de ressignificação de espaços urbanos degradados, a rua Augusta torna-se evidente para os straight edges. Da mesma forma que ela carrega consigo esta “degradação” a um olhar de fora (Magnani, 2002), com seus diversos equipamentos voltados a prostituição, assim como diversos vendedores de rua, ela também possui as possibilidades de desenvolver uma vida mais próxima aos valores adotados dos straight edges, com boa oferta de alimentação vegana, transporte público e moradia com preços mais acessíveis, além de seu contato com diferentes identidades contemporâneas presentes na cidade.

Souza (2007) chega a destacar que existem apartamentos compartilhados por straight edges, servindo não só de moradia para eles, mas também como hospedagem de amigos de bairros mais afastados em dias de eventos e por pessoas de outros Estados brasileiros, como por exemplo para hospedar uma

²⁵ Infraestruturas de intercâmbio musical solidificam a presença de cenas, promovendo espaços concretos e enfatizando um sentido cultural a seus participantes. Muitos destes lugares emergiram como uma intenção opositora ou subversiva: apropriações de espaços urbanos para uso subcultural (como festas de galpão), novas

banda. Portanto, a opção de moradia de alguns straight edges é possibilitada no centro da cidade pelos aluguéis baixos, mas este não é o motivo principal. Os straight edges que lá residem, ficam muito mais próximos de seu circuito, tendo uma interação maior com os lugares componentes deste circuito, inclusive permitindo qualificá-los como, de fato, lugares.

À medida que os straight edges vão colocando seus valores e práticas nos diferentes lugares que frequentam, mesmo que estes não se tornem hegemônicos, eles vão construindo um sentido de lugar, conforme Holzer (1998), já que este sentido é formado por um discernimento moral e estético dos lugares pelas pessoas. Assim, vimos o exemplo da apropriação da sorveteria Soroko como não apenas um ponto de encontro entre o grupo, mas um lugar onde se percebe além dos sorvetes preparados sem leite, a fixação de cartazes em diferentes épocas remetendo aos festivais e shows de interesse dos straight edges. Também podemos citar como os straight edges transformam o espaço de um galpão para transformá-lo em um lugar a ser realizada uma edição da Verdurada.

Ressalta-se também, para além da apropriação destes lugares por meio dos símbolos, das marcas e das práticas, também a denominação. Ao falar “Galpão do Jabaquara”, ou o “Galpão do Verdurada” para denominar o galpão utilizado para a realização dos festivais Verdurada, os straight edges acabam criando uma denominação específica para um determinado lugar que apenas a eles lhes remete sentido. Conforme Claval (2014, p. 226):

Os grupos humanos aprendem, assim, a explorar o espaço e a encerrá-lo em sistemas de representações que permitem pensá-lo. Batizando os lugares e os meios, eles os transformam em objeto de discurso. Impondo-lhes suas marcas e instituindo-os, fazem deles uma categoria social.

Portanto, as demonstrações vistas acima geram um sentido de lugar aos straight edges paulistanos. Obviamente, alguns lugares descritos têm maior importância do que outros, sendo que os que são de uso exclusivo dos straight edges ou os utilizados por um bom tempo, podem ser considerados os mais importantes. Conforme Shamai (1991, p. 348), “in order to create a sense and

attachment to place, there is a need for a long and deep experience of a place, and preferably involvement in the place”²⁶. Shamaï (1991) ainda ressalta que os rituais e os símbolos no/do lugar ajudam no fortalecimento das relações dos indivíduos com o sentimento do lugar.

Porém, o que gostaríamos de ressaltar aqui é que, através destas experiências destes lugares, foi possível ocorrer um circuito especificamente Straight Edge na cidade de São Paulo. Quando dizemos específico, não queremos dizer que este circuito não tenha relações com outros grupos na cidade, nem que seja exclusivo aos straight edges. Adotamos aqui as proposições de Magnani (2012), ao refletir sobre a criação de lugares comuns a determinados grupos juvenis da cidade, de que estes lugares postos em conjunto formam um circuito que só pode ser identificado e desvendado a partir da lógica do grupo.

Cabe lembrar que este circuito é possível através da música, sendo ela a propulsora para as realizações materiais no espaço de suporte a própria música ou suporte para as atividades e valores que são congregados dentro do Straight Edge. Como demonstra Kruse (2010), a localidade e os lugares sempre tiveram um papel importante na construção de formas musicais distintas na música independente, ao mesmo tempo que geravam formas de identidades específicas relacionadas a geografia do lugar. Este circuito gera, portanto, um sentido de lugar identificável como “envolvimento com o lugar”, por Shamaï (1991, p. 350):

Involvement in a place – this level implies that the resident takes an active role in the community because of a commitment to a place (CANTER (1977, p. 178) describes this as taking an “environmental role”. In contrast to all the previous levels that were based mainly on attitudes, this level (and the next one) is probed mainly through the actual behavior of the residents. It implies investment of human resources, like talent, time, or money, in place-oriented activities or organizations.²⁷

²⁶ Para se criar um sentido e um apego ao lugar, existe uma necessidade de uma longa e profunda experiência do lugar, e preferencialmente envolvimento no lugar. (Tradução nossa).

²⁷ Envolvimento em um lugar - esse nível implica que o residente exerça uma atividade na comunidade pelo comprometimento com o lugar. CANTER (1977, p. 178) descreve isto como desempenhando uma função no ambiente. Em contraste com todos os outros níveis que foram baseados majoritariamente em atitudes, esse nível (e o próximo) é provado principalmente pelo comportamento, de fato, dos residentes. Isso implica investimento de recursos humanos, como talento, tempo, ou dinheiro, em atividades e organizações orientadas no lugar. (Tradução nossa).

3 A cidade de São Paulo na perspectiva dos straight edges

O Straight Edge não pode ser entendido como um estilo musical único, já que suas formas melódicas são iguais ou influências do hardcore/punk. Como demonstrado no primeiro capítulo deste trabalho, extrapola as bases musicais para se tornar um conjunto de valores, éticas e ideais bem definido e com suas diferenças ao redor do mundo. Porém, isso não implica dizer que o Straight Edge é livre da música, na verdade é gerado por ela. Embora se expanda, reflita práticas sócio-espaciais distintas de outros grupos da metrópole, tudo é concebido a partir da música ou para a música.

Torna-se evidente desta maneira que para se entender os straight edges de São Paulo é necessário se entender a música Straight Edge gerada por bandas paulistanas. Propomos então, neste capítulo, conceber a visão dos straight edges sobre a cidade a partir de sua música.

Alguns trabalhos de Geografia, específicos da área de Geografia da Música, buscam a compreensão do lugar e do sentido do lugar (Tuan, 1979), através da perspectiva dos músicos que residem e produzem sua música ali. Ribeiro (2006) busca compreender a cidade de Diamantina, em Minas Gerais, a partir da perspectiva dos músicos da cidade. Também, nessa temática, temos o trabalho de Torres e Kozel (2012), que estudam a percepção dos canceiros de fandango sobre a Ilha de Valadares, localizada em Cananeia-SP.

Outros autores estudam a reprodução de formas musicais específicas de determinados lugares, tendo a melodia destas canções relação direta com os sons que podem ser escutados no lugar. Nesta linha de pesquisa, temos como exemplo o trabalho de Fernandes (2012), que demonstra a relação dos sons das paisagens guaranis com a música indígena produzida. Connel e Gibson (2001) também citam a particularidade sonora de determinadas formas musicais, como o jazz em Nova Orleans ou o grunge em Seattle, ambas cidades estadunidenses.

Nesse sentido, os autores expõem como essa particular forma de música se expandiu pelo mundo e ganhou novas formas e abordagens. Podemos fazer um paralelo com o hardcore Straight Edge, originado em Washington D.C. - EUA e que

se expandiu para outras localizações no mundo. O que os autores ressaltam é o fato destas cidades ficarem diretamente associadas ao seu determinado estilo musical.

Não podemos transpôr isto a nossa explicação sobre Straight Edge em São Paulo. É evidente que a cidade, ao que diz respeito a música, está longe de ser associada ao hardcore/punk pela maioria das pessoas. De fato, é até mesmo difícil uma tentativa de escolher uma forma musical predominante em São Paulo.

Tratando-se de uma forma musical que não foi primordialmente produzida na cidade, mas sim trazida do exterior, também torna-se difícil uma formulação sobre uma suposta particularidade melódica do Straight Edge paulistano, diferentemente do que pode-se encontrar, por exemplo, no hardcore produzido em Vila Velha-ES²⁸ nos anos 1990 ou o metal dos anos 1980 de Belo Horizonte-MG²⁹.

Em termos de melodia, o Straight Edge de São Paulo segue as linhas do hardcore/punk já existentes anteriormente. Os instrumentos utilizados, baixo, guitarra e bateria, são os mesmos da maioria das bandas do estilo, não produzindo diferenças em relação à harmonia³⁰ e melodia³¹. As formas de cantar que podem ir do mais melódico até o gutural³², também não se diferencia do já produzido em outras localidades, assim como o andamento³³ e o ritmo³⁴.

Dessa forma, buscamos entender a percepção da cidade de São Paulo por parte dos Straight Edges através das letras das canções compostas pelas bandas originárias e residentes da cidade. Esta forma de análise é bem utilizada na Geografia Humanista, conforme destaca Brosseau (2013), tendo como principal foco a análise de romances da literatura para se compreender a experiência e o sentido do lugar:

No início dos anos 1970, a geografia humanista emergia paralelamente a uma corrente crítica de inspiração marxista, em

²⁸ Para maiores informações a respeito da particularidade do Hardcore produzido em Vila Velha e no Estado de Espírito Santo como um todo, ver “Vivendo de Rock no Espírito Santo – Documentário e Cultura Underground”, de Mila Neri.

²⁹ Para maiores informações a respeito da particularidade do Metal Extremo produzido em Belo Horizonte na década de 1980, ver “Ruído das Minas”, do diretor Filipe Sartoreto.

³⁰ Melodia são duas ou mais notas tocadas em conjunto, promovendo uma combinação simultânea de sons (Gudolle, 2014).

³¹ Separação de sons que se combinam entre si (Gudolle, 2014).

³² Técnica vocal capaz de produzir um som rouco e grave.

³³ Andamento é o mesmo que a velocidade da música.

³⁴ O ritmo é a pulsação da música.

reação à “nova” geografia quantitativa, dominante há uma dezena de anos. Procurando colocar o sujeito (um pouco abandonado, em favor dos bancos de dados) no centro de seus trabalhos, numerosos geógrafos, evocando de maneira mais ou menos direta a fenomenologia, utilizariam a literatura. Esta podia servir de fonte preciosa, capaz de avaliar a originalidade e a personalidade dos lugares (sense of place) e fornecer exemplos eloquentes de apreciação pessoal de paisagens.

Tentando reverter uma relação de sujeito determinado por sua existência instrumental, esses geógrafos humanistas buscavam na literatura os valores dos lugares sobre diferentes modos de percepção, tendo respaldo por seu apelo a explicações não fundamentadas em bases meramente quantificáveis. Pocock (1984 apud Brosseau 2013)³⁵ entendia a literatura e as artes como sendo “muito úteis para o geógrafo humanista, como fonte de informação e para melhor compreensão do desenvolvimento ou da aparição de nossa sensibilidade no que diz respeito ao meio ambiente (...)”.

Lafaille (1988 apud Brosseau 2013)³⁶ destaca a contribuição da literatura no conhecimento geográfico a respeito das qualidades objetivas da paisagem, mas também refinando as experiências subjetivas destas paisagens. A literatura poderia ensinar a Geografia a reunir objetividade e subjetividade. Sobre este aspecto, seguimos o entendimento de TUAN (2014), o qual ressalta ainda a importância que a literatura carrega podendo abrir a possibilidade de apresentar uma experiência vivida do lugar. Segundo Tuan (2014, p. 205):

Literary art serves the geographer in three principal ways. As thought experiment on possible modes of human experience and relationship, it provides hints as to what geographer might look for when he studies, for instance, social space. As artifacts it reveals the environmental perceptions and values of a culture: it serves the geographer, who is also a historian of ideas. Finally, as an ambitious attempt to balance the subjective and the objective it is a model for geographical synthesis (...) an art form capacious enough to include analysis³⁷.

³⁵ POCOCK, D. La géographie humaniste. In BAILLY, A. et al. Les concepts de la géographie humaine. Paris, Masson, 1984.

³⁶ LAFFAILE, R. Départ: géographie et poésie. Le Géographie Canadien, 1988, 33 (2).

³⁷ A arte literária serve ao geógrafo de três maneiras primordialmente. Como exercício intelectual sobre maneiras possíveis de experiência humana e relacionamento, proporciona pistas do que o geógrafo pode observar quando ele estuda, por exemplo, o espaço social. Como artefato ela revela as percepções ambientais e os valores de uma

Assim como a análise da literatura é utilizada como recurso geográfico de pesquisa, a Geografia da Música tem exemplos de estudos baseados nas letras das composições musicais. Castro (2009) e Panitz (2010) ressaltam as abordagens identificadas no campo da Geografia da Música por Carney (2003, apud Castro 2009)³⁸, onde é dado destaque as letras das canções. O autor reconhece nove âmbitos³⁹ de pesquisa geográfica dentro do tema musical, sendo o terceiro, as letras.

Castro (2009) e Panitz (2010) também ressaltam que Kong (1995, apud Panitz 2010)⁴⁰ reconheceu o estudo da identidade dos lugares por melodias, instrumentos e letras das canções. É verdade que Kong (1995, apud Panitz 2010) critica os estudos que se basearam apenas nas análises das letras. Esses estudos, teriam falhado por não contextualizarem a produção da música com as condições sociais e políticas, negligenciaram a experiência do lugar e também a construção das identidades.

Fica claro, em nosso estudo, que o lugar ocupa categoria central de nosso interesse e é pelo lugar que estamos buscando as letras das canções como fonte de pesquisa para entender a visão da cidade de São Paulo pelos straight edges. Também é evidente que temos ressaltado o papel do lugar e da música produzida neste lugar como motor para a construção da identidade dos straight edges paulistanos. E, por último, as condições sociais e políticas ficarão evidentes quando da análise das letras das canções. Nesse sentido, ressaltamos que a análise das letras será feita dentro de uma perspectiva humanista para se evidenciar a experiência e o sentido do lugar, conforme as proposições de Tuan (1979). Segundo Panitz (2010, p. 72):

cultura: ela serve ao geógrafo, que também é um historiador de ideias. Finalmente, como uma tentativa ambiciosa de balancear o subjetivo e o objetivo, ela é um modelo para a síntese geográfica (...) uma forma de arte abrangente o suficiente para conter uma análise. (Tradução nossa)

³⁸ CARNEY, G. *The sound of people and places: A geography of American music from country to classical and blues to bop*. Lanham: Rowman and Littlefield, 2003.

³⁹ Segundo Carney (2003, apud Castro 2009, p. 10) as nove categorias são: “(1) estilos/gêneros, (2) estrutura, (3) letras, (4) instrumentação, (5) intérpretes e compositores, (6) centros e eventos, (7) mídia, (8) música étnica e (9) indústria”.

⁴⁰ KONG, L. *Popular Music in Geographical Analyses*. *Progress in Human Geography*, volume 19, 1995.

Podemos visualizar no campo de abordagem humanista que se articula em torno das representações das paisagens e do lugar e a compreensão dos significados destas representações através da música. Nessa abordagem a letra da canção é uma fonte da representação; ou seja, assim como os geógrafos franceses e anglo-saxões se debruçaram nas obras literárias, entende-se a canção como um dado primário. Isso não impediu, é bom lembrar, que os geógrafos dessa abordagem realizassem os devidos nexos com a produção do espaço em termos mais gerais, sobretudo relacionado com a cidade.

Ressaltamos aqui duas pesquisas que fizeram uso do recurso de pesquisa através das letras das canções para dar prosseguimento a nossa discussão. Garcia (2011), em seu trabalho denominado “Sobre uma cena de ‘Fim de semana no parque’, do Racionais MC’s”, promove uma análise ampla das condições sócio-espaciais da cidade de São Paulo na década de 1990 através de uma letra do grupo de rap Racionais MC’s. Este estudo não é propriamente da área da Geografia, inclusive Garcia (2011) é músico. Portanto, o estudo não apresenta apenas a letra da canção, mas também a análise da melodia e da harmonia. Mas como no rap a letra tem a qualidade central da canção, é através dela que Garcia (2011) entende a visão do grupo Racionais MC’s. Este estudo, além de tratar do mesmo lugar ao qual nos propomos analisar, demonstra-nos ser possível uma análise ampla a partir da letra de canções.

Melo (2005), em seu trabalho intitulado “Certos versos e múltiplos tons sobre lugar, amizade e identidade no Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira”, estuda a cidade do Rio de Janeiro do século XX a partir das letras das canções dos músicos populares. A importância de Melo (2005) reside no fato de sua abordagem encontrar-se no campo da geografia humanista, próxima a nossa. Conforme o autor (2005, p. 1):

Os laços de afetividade que ligam o homem ao lugar provocam relatos verbais e escritos dos cidadãos comuns, artistas, poetas e intelectuais. Nesta galeria de amizade, trocas e identidade encontra-se o compositor popular. Este, com sensibilidade, capta e transmite os mais diversos sentimentos e o próprio entendimento dos indivíduos e grupos sociais com respeito às suas geografias hodiernas ou pretéritas.

Como Melo (2005) identifica todo ser humano como um geógrafo informal, afinal o lugar é parte integrante do ser, os compositores populares⁴¹ produzem, vivem e transmitem geografia. Sendo assim, é possível se apreender uma visão geográfica da cidade, a partir das letras das canções. Connel e Gibson (2001) ressaltam que “nothing should more closely signify the relationship between music, place and identity than the words of songs, especially where performers and audiences have broadly similar interpretations”⁴². Para os autores (2001), a música popular sempre refletiu os problemas contemporâneos a ela e, as letras das canções, tem o papel de refletir as imagens relacionadas aos lugares e as identidades que fazem parte da construção destas canções. Sendo assim, seguiremos abaixo a identificar as letras das canções de bandas straight edges e que foram eleitas por nós para análise.

3.1 As letras das canções

As letras das canções das bandas straight edges refletem as práticas, valores e éticas seguidas pelo grupo que foram demonstradas no primeiro capítulo. Em cada começo de explicação sobre uma determinada postura tivemos o procedimento de colocar uma letra de música que representasse aquela postura. Mas, de forma geral, todas as bandas têm letras sobre práticas straight edges, sendo muito comum juntarem os temas de liberdade animal, maus tratos animais, especismo com a postura vegana. Também é muito comum o tratamento dado as drogas lícitas e ilícitas nas canções como prejudiciais ao pensamento e as maneiras de se protestar por mudanças em variados assuntos. O mesmo podemos dizer das letras a respeito das práticas do “faça-você-mesmo” e como isso se reflete em suas práticas cotidianas em busca de mudança.

Todos esses assuntos são pertinentes para a identidade dos straight edges, porém não tem a capacidade de refletir a cidade, o lugar, para esta identidade.

⁴¹ Populares aqui é entendido no âmbito do conhecimento musical, como toda a música não-erudita.

⁴² Nada pode significar mais a relação entre música, lugar e identidade do que as palavras das canções, especialmente quando artistas e públicos tem interpretações similares. (Tradução nossa)

Embora façamos aqui uma ressalva, o veganismo, junto com o ideal de libertação animal, é algo particular do straight edge de São Paulo.

Portanto, escolhemos letras para análise que, de fato, reflitam algum sentimento, percepção, experiência do lugar que essas bandas e seus integrantes foram formadas e atuam. Elegemos, então, dez bandas que consideramos de relevância no circuito straight edge paulistanos e delas analisamos um total de quarenta canções. As temáticas centrais dessas bandas também refletem a abrangência do straight edge paulistano. Em nossa análise, têm-se bandas com a temática feminista, bandas com temáticas mais individualistas ou de amizade e outras que possuem sua formação nos ideais anarquistas.

Difícilmente em letras de canções straight edges você encontrará referências explícitas de localizações da cidade, como é muitas vezes evidente no rap paulistano⁴³. Mas nem por isso, trata-se de uma música desterritorializada, como Connel e Gibson (2004) tratam o estudo da “world music”. Essas canções escolhidas ressaltam vários aspectos e sentimentos a respeito da cidade ao qual estão inseridos. É importante ressaltar, também, que as letras sempre têm um sentimento de confronto e desconforto com o que eles experimentam do lugar.

A banda Days of Sunday se classifica, conforme seu perfil no site Bandcamp, como “Hard-core melódico marginalizado da Z/O de São Paulo”. Esse sentimento de estar à margem da cidade é colocado na letra da música “Por que não posso caminhar nas ruas sem ser questionado?”, onde é ressaltada além da marginalidade, com o verso “Sou excluído, não participo de lados”, também o aspecto de ter que “fazer a correria” para conseguir se manter na cidade, com os versos “A minha correria é em prol daquilo que me trás amor, e eu divido com os que honestamente e sinceramente se aproximam/ (...) Correndo pelo pouco e pelo certo”. Aqui ainda vemos ser ressaltada a importância das amizades na cidade.

Na canção “Suor em vão, a Tristeza da Reintegração de Posse”, a banda demonstra os embates entre os indivíduos sem moradia e a polícia. Como os straight edges, como verificamos no capítulo anterior, têm seus lugares e territórios primordialmente no centro da cidade de São Paulo, certamente as cenas descritas

⁴³ No rap além das referências ao centro e periferia, como na música “Da Ponte para cá” dos Racionais Mc’s, encontra-se referências explícitas a bairros paulistanos, como é comum encontrar nas canções do rapper Sabotage ao falar da antiga Favela do Canão ou o Brooklin.

nessa canção são relevantes aos integrantes da banda, pois é no centro paulistano onde se promovem diversas ocupações e reintegrações de posse. “Vamos nos estabilizar aqui, e transformar disso nosso lar/ Reerguemos nas noites, vamos ocupar/ O que são esses escudos, o que são essas armas? /É o rato cinza defendendo a propriedade inútil do burguês/(...) A máquina Estado está contra o povo, está contra o pobre”.

Todas as músicas aqui analisadas da banda pertencem ao disco intitulado “Não pare”, onde a capa do disco é um desenho de uma aglomeração de prédios de diversos tempos e estilos arquitetônicos de ponta cabeça. Os prédios são característicos da paisagem urbana de São Paulo, e os diversos estilos e tamanhos deles no desenho refletem se tratar do lugar dos integrantes da banda. O estar de ponta cabeça também tem o significado de tentar subverter uma ordem da cidade, como é visto na música intitulada “São Paulo”, onde se é falado sobre as pichações como uma forma de embate com a cidade pelo jovem periférico, conforme os versos:

O jovem da periferia marginalizado cria sua própria cultura/ Sem medo das ruas ele se cansa e agride o opressor/ Todos fortemente armados mas nossas armas cospem tintas/ Ao contrario das suas que puni oprime e mata/ São paulo é a cartilha a ser preenchida!/ O estopim, o início de uma grande história/ A capital da pichação/ O maior impacto contra cultural que o ser humano pode inventar através de simples rabiscos/ Para muitos violência mas para o desobediente periférico/ Lê-se como o grande início.

Figura 30 - Capa do Cd "Não Pare" do Days of Sunday



Fonte: Bandcamp oficial do Days of Sunday (2015)

Já a banda Good Intentions evoca a rua como provedora de experiências, marcas e vivência para seus integrantes, como na letra da canção “Busca eterna”, com os versos “Nessas ruas em que vivi/ Nessas ruas sobrevivi/ Cada dia uma marca/ E cada marca uma história/ E cada passo dado um caminho para levar”. A rua também evidencia o que eles querem se afastar, como colocado nos versos “Eu vejo nas ruas/ E não consigo me enganar/ Uma geração perdida/ Uma geração a se frustrar”.

Dessa maneira, mesmo ressaltando o aspecto negativo da rua, os autores colocam aqui a experiência do lugar e também sua importância na formação de uma identidade. Outra letra que ressalta esse aspecto da rua é “Born and Raised”, da banda Questions. Apesar da canção ser composta e cantada em inglês, isso não retira o sentido de lugar onde ela foi produzida. O autor ressalta o fato de que ter uma experiência pela rua o fez ser uma pessoa diferente, além da importância das amizades nela construídas, conforme os versos: “Born on the streets/ Always ready to fight/ That’s how I learned to live/ (...)Raised on the streets/ No matter how hard

we try/ This city will always Be hard to live/ (...)Born and raised on the streets/ It's the way that we live/ Respecting all my friends/ And standing side by side"⁴⁴.

Destacamos aqui outras duas canções da banda Questions, "SPHC" e "Out of society". Na primeira, temos o aspecto da cena paulistana sendo ressaltada, revelando sua importância para a manutenção da identidade dos straight edges paulistanos. Na canção o autor afirma "Are you alone? / No! No! No! / My family my power/ My friends my honor/ United and strong/ Until the end"⁴⁵. Em "Out of Society", mais uma vez, sentir-se estar à margem dos padrões das pessoas da cidade é destacado em: "To live in the heart of the third world/ Growing up in the suburbs/ All our rights are being denied/ We never had a real chance/ No rights no job no education/ We live outside society"⁴⁶.

O infect, uma banda straight edge formada só por mulheres, algo incomum para o rock e também para o circuito hardcore, tinha muitas canções dedicadas às temáticas do movimento feminista. Embora o hardcore muitas vezes contenha indivíduos machistas, o Straight Edge de São Paulo tem uma cena muito mais preocupada com esses temas. Destacamos aqui a canção "Cansadas de ódio", onde é possível perceber o estresse causado pelo preconceito que as integrantes passavam ao frequentar as ruas da cidade, evidenciado nos versos "Andando pelas ruas preconceito sofremos/ Vai haver o momento em que isso vai ter fim a raiva vai crescendo/ Não quero mais viver assim/ Cansadas de ódio e opressão". Em outros ambientes musicais que as mulheres teriam pouquíssimo espaço para a expressão de suas ideias, vemos como relevante a canção "Vá logo para o asilo", onde as integrantes colocam sua opinião sobre a cena e ressaltam que os lugares são construídos por todos e não pertencem a ninguém ou nenhum grupo, exclusivamente:

"Os moleques de hoje em dia não fazem nada",você diz/ e quando tentam fazer alguma coisa/ são boicotados descaradamente pela

⁴⁴ Nascido nas ruas/ Sempre pronto para lutar/ È assim que aprendi a viver/ (...) Criado nas ruas/ Não importa o quão forte tentemos/ Essa cidade sempre será difícil de se viver/ (...) Nascido e criado nas ruas/ É o jeito que vivemos/ Respeitando todos meus amigos/ E ficando lado a lado. (Tradução nossa)

⁴⁵ Você está sozinho? /Não! Não! Não! / Minha família minha força/ Meus amigos minha honra/ Juntos e fortes/ Até o fim. (Tradução nossa)

⁴⁶ Viver no coração do terceiro mundo/ Crescendo nos subúrbios/ Todos os seus direitos sendo negados/ Nós nunca tivemos verdadeiramente uma chance/ Sem direitos, sem trabalho, sem educação/ Nós vivemos à margem da sociedade. (Tradução nossa)

velha guarda/ o tempo passou e você não percebeu/ talvez tenha percebido e por isso tornou-se tão egoísta/ você não quer perder a única coisa que te faz viver/ mas ao invés de ouvir os novos trocar informações e experiências/ agride todo mundo/ e comporta-se de maneira que realmente é um velho chato/ "os shows são meus",você diz/ "os lugares são meus",você diz/ até quando você vai agir assim?/ é tempo de renovação,e você sabe disso/ sua vida é medíocre,seus propósitos nebulosos/ se você não quer os novos,quem deve sair é você/ vá logo para o seu asilo

O Inimigo, uma banda reconhecida atualmente no circuito Straight Edge de São Paulo, possui uma canção interessante concernente as drogas, denominada “Fora de mim”, mas com uma abordagem diferente da maioria das bandas straight edges. A canção retrata o indivíduo acusado de um crime e que é viciado em crack. Novamente, os territórios de circulação dos straight edges do centro de São Paulo, onde se encontram muitos dependentes do crack, servem como inspiração para as letras das canções e nos demonstram a experiência adquirida do lugar. Em contrapartida, não há uma tentativa de fuga deste lugar, pelo contrário, como dito antes, ele também é possuidor de possibilidades. Na canção “Ovelha Negra”, a banda ressalta que para ter distância dos “donos da moral” e da “rígida tradição” é “só no gueto me sinto bem”.

A banda Point of No Return, considerada um marco na história do Straight Edge brasileiro, tem nas suas letras abordagens de forte influência anarquista, com referências a ação direta, ao faça-você-mesmo. A banda, criada na década de 1990, comumente descrevia a cidade como um choque de classes, sempre se fazendo uso dos muros e grades como forma de ilustração da segmentação social da cidade. Na canção “Resposta a sangue e fogo”, Kalota canta que “A elite se isola da miséria/ Por ela mesma criada/ Muros escondem um terror eterno/ Um apartheid social/ (...) Comunidades inteiras expulsas/ Reclusas em lugares distantes/Privadas da riqueza”. A mesma visão da cidade pode ser encontrada na canção “Forca”, onde também é destacada a presença da polícia como mantenedora desta ordem, como nos versos “Barreiras erguidas ‘pra’ afastar a justiça/ Exércitos criados para manter a elite segura/(...) Seus muros já não protegem/ Agora é você atrás das grades/(...) Na solução dos acomodados/ A miséria é caso de polícia/ Uma guerra civil de baixa intensidade”.

Nota-se o andar pelas ruas sempre como algo importante para o entendimento da realidade dos straight edges. A indiferença às desigualdades presentes na cidade é vista em “Letargia”, onde é descrito que “A cada esquina, o choque de opostos/ Privação x ostentação/(...) Um estado comum passa a ser comum/ Violência vulgarizada/ O cego, surdo, mudo/ Sintetizado em nós”. Interessante também a metáfora da ponte, na canção homônima, para a mudança das estruturas por uma nova sociedade desejada pela banda. A ponte atual é descrita como “Uma massa morta de metal e concreto/ Pilares móveis inquebrantáveis”. A ponte nova, representando as estruturas de uma sociedade desejada seria “Estável na calmaria, flexível na tempestade/ Erguida por todos, destinada para todos”.

A banda Discarga, por muitos considerada como a maior banda straight edge paulistana, possui diversos discos e composições. Sendo assim, optamos por destacar 11 canções, separadas em três temáticas principais que refletem a sua maneira de ver e viver a metrópole: dinheiro e trabalho, polícia e violência e a cena.

O Discarga faz uma relação em suas composições de que o trabalho é desgastante, árduo e o retorno financeiro insuficiente por tanto desgaste. Cabe lembrar que todos os membros possuem empregos paralelos a banda, muito comum no hardcore. Além disso, também ressaltam o desejo de consumir e como o dinheiro te dá uma posição diferenciada na cidade. Em “É isso aí”, tem-se os versos “Não interessa seu caráter, seus sentimentos o que for/ ‘Pra’ ter lugar na sociedade ter dinheiro é ter valor”. Em “Jogo da Vida” Daniel canta “Nascer, crescer e morrer/ Esse é o jogo da vida/ Só que ele não é tão simples assim/ Antes disso eu quero um carro (...)/ Porque só consumindo com um cartão de crédito é que vou conseguir me realizar”. Os versos “Se você tem cérebro e é um ser pensante/ Exercite-o, treine-o e use-o mais/ Consuma menos e pense mais”, da canção “Símbolos”, também ressaltam o consumo.

Sobre o desgaste do trabalho e sua recompensa financeira insuficiente, temos a canção “Esforço em vão”, onde se encontra “Cada dia que passa ganho menos e trabalho mais/(...) O trabalho é um sacrifício que não nos leva a porra nenhuma”. É visto da mesma forma em “Explorar para esgotar”: “Piração dos patrões contra o povo que trabalha/ Dão o sangue por uma merda e o retorno quase nada/(...)”

Milhares de horas desperdiçadas nenhum valor isso paga/ Explorar para esgotar”. Os versos “Trabalhamos por um mísero dinheiro, dinheiro que não compra nada” são encontrados na canção “Suor perdido”, com o mesmo sentido das anteriores. Encerramos essa temática com a letra da música “Trem”, onde Daniel ressalta o que vê todos os dias em seu cotidiano na volta do trabalho:

Apenas olhos cansados/ Apenas rostos suados/ À espera de um destino que este trem os leva/ Crianças trabalhando/ Adultos trabalhando/ Para quem e para quê? / Para quê e para quem? / Alimentação e exploração/ Sobrevivência é a concorrência/ Vidas nas estações, muitos corações/ Todos com um destino em um trem chamado destino.

Já quanto à polícia e a violência, ela também é tratada na perspectiva do que se vive e se percebe pelas ruas da cidade. Em “O Porquê da violência...” é retratado “Espaços urbanos como campos de batalha/ Violência de gangues muito sangue se espalha/ (...) Guerrilheiros acéfalos pela cidade se matam”. Nesta canção, o que está sendo discutido é a atuação violenta de alguns grupos por uma “Ideologia de brinquedo/ Uma guerra por status”, como é comum de se presenciar de madrugada nas zonas mais centrais da cidade. Uma pretensa guerra na cidade também é presente na canção “Medo nas ruas”, conforme os versos “Terrorista na TV, toque de recolher/ Puro medo nas ruas/ Notícias distorcidas/ (...) Chumbo grosso comeu solto/ Fim de semana cheio de baixas/ (...) O drama só aumenta do outro lado dos muros”. Na canção “Olhos abertos, sempre alerta” é ressaltado o fato de que a polícia existe para proteger e servir os mais ricos. Em “Fora de Controle” é cantado “Fora de controle/ Estão nas ruas a matar/ Grupos de extermínio/Não tem limites ‘pra’ parar/ (...) O cheiro de sangue e pólvora está sempre ao redor/ Não importa o que faça ou onde você for”. Esses mesmos versos são repetidos no final da canção, adicionando-se que “Esta rotina da periferia/ Que nunca mudará”.

A noção da importância da cena também é um tema importante para a banda “Descarga”, sendo que todos os integrantes também tocam em outras bandas straight edges e são muito atuantes na organização de espaços e shows, como o Verdurada. Na canção “Estou aqui”, é colocado que a importância é você estar presente nos lugares para fortalecer esta cena, como nos versos “Não será uma

pilha de discos ou tatuagens que vão te segurar/ Quem ainda está aí é quem realmente faz a diferença”. E no final da canção, Daniel grita “Eu ainda estou aqui, eu ainda estou aqui”. Esse recurso do grito para reforçar a ideia também é utilizado pela banda Still x Strong para ressaltar que eles não iram deixar de cumprir suas escolhas, quando os versos “Still Strong/ São Paulo/ Straight Edge” são cantados em coro por todos os membros da banda.

Por último, demonstramos aqui mais uma experiência do lugar, através das ruas novamente, pela banda XescuroX, onde os membros participaram das manifestações de julho de 2013, em reivindicação ao passe livre. Foi feita uma descrição do que acontecia no momento, da canção “O Joio do Trigo”: “ Não se impressione com tintas e faixas/ Isso não é festa, não é carnaval/ As ruas em chamas, o p2 infiltrado/ Uma cela separa cada um, cada qual”.

3.2 A São Paulo Straight Edge

O lugar, como definido por Tuan (1975), é construído pela experiência. É visto como próximo, que carrega consigo sentimentos positivos e negativos sobre ele, a partir da perspectiva do indivíduo, o caráter simbólico do lugar. Assim sendo, lugar é sensorial, mas também construção mental. As letras das canções straight edges se mostram capazes, assim como os geógrafos humanistas definiam a literatura, de abarcar essas diferentes dimensões. As letras das canções representam as facetas dos lugares aos quais os autores estão inseridos, ao mesmo tempo que são fruto também da imaginação e da construção mental dos compositores.

Foram diversos os fragmentos ressaltados acima que revelaram a experiência do lugar a partir de sentimentos, memórias e elucubrações dos autores. A experiência, ressalta Tuan (1983), não pode ser dado um caráter meramente individual ou individualista. Conforme Tuan (1983, p. 10) “a experiência está voltada para o mundo exterior. Ver e pensar claramente vão além do eu”. Ainda, seguindo o autor, sentimento e pensamento não são opostos, são processos

ligados intimamente. Neste ponto, a canção consegue também abarcar esta relação dos processos.

As letras das canções straight edges escolhidas acima possuem diversas temáticas diferentes, mas que postas em análise conjuntural revelam-nos São Paulo pela perspectiva do grupo. Obviamente, temos de levar em consideração por quais lugares da cidade os straight edges circulam, ressignificam e frequentam. Pois o sentido de lugar também é dado por lugares não conhecidos diretamente, que são apenas construções mentais, estes nunca são conhecidos por inteiro e são influenciados pelo lugar experimentado ao qual o indivíduo pertence. Exatamente por isso tivemos o cuidado de apresentar estes lugares no segundo capítulo, para que tenhamos em mente que essa visão de São Paulo dada a partir das letras também o é a partir dos lugares demonstrados no capítulo anterior.

Como elucidado por Chris e Gibson (2001), o punk rock, de caráter contestador assim como o rap, tem por características letras críticas em relação as políticas governamentais e a sociedade. Como já vimos que o Straight Edge carrega consigo essa característica do punk, as letras que vimos anteriormente demonstram uma posição combativa a respeito do que está em desacordo com seus valores. A cidade, dessa forma, apresenta-se de forma hostil aos straight edges, já que não o podemos colocar como os principais agentes desta cidade.

São relatadas a violência urbana, materializada na forma policial ou de outros grupos sociais que entram em conflito e, como no caso do Infect, pela violência machista. Segundo relatório da Secretaria de Planejamento da cidade de São Paulo (2008), em 2005 foram registradas mais de duas mil mortes por agressão na cidade, seguindo a mesma espacialização dos anos anteriores, sendo o Centro uma das regiões com maior número de ocorrências. Conforme o Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (2009), o número de pessoas mortas pela Polícia Militar do Estado de São Paulo em 2009 aumentou 25,7% em relação ao ano anterior, totalizando 259 óbitos apenas no primeiro semestre.

Também é colocada a questão excludente da sociedade, os acessos negados pela cidade aos habitantes da periferia, as grades e muros postos a barrá-los pelas classes mais altas. Ainda é possível ressaltar o atrelamento da cidade ao trabalho de forma cansativa, com longas jornadas, não promovendo uma

justa recompensa financeira. São Paulo é colocada de maneira negativa nas canções. É posto um constante sentimento de raiva e medo nas ruas.

Mas é através delas, das ruas, que percebemos que essa não é a única face da cidade para os straight edges. Nas diversas músicas verificamos que a rua também é capaz de provocar outros pensamentos e sentimentos. A rua pode ser vista como suporte para suas atividades, como contribuidora para a formação do indivíduo e de suas práticas, como formadora de laços de identidade e amizades duradouras. Dessa forma, a cidade para além das contradições, abre possibilidades, desafios, “interfere no desenrolar da vida”, conforme Turra Neto (2004, p. 266).

A isso tudo se evidencia a experiência que buscamos, segundo Magnani (1993, p. 4), a “experiência da rua”. Para o autor, a rua apresenta os dois aspectos: possibilidades e hostilidades. O problema é que, em muitas visões, conforme Magnani (1998), generaliza-se os efeitos e as distorções estruturais da cidade e reduzem todos os indivíduos a um cidadão médio, sem desejos, vontades. Essas visões totalizantes são dadas, de acordo com o autor, como características de uma perspectiva de longe, ao que o autor propõe um enfoque de perto e de dentro, ou seja, de buscar em outros agentes da cidade a sua forma de entendê-la e experimentá-la. Conforme Magnani (2014, p. 3):

A rua, rígida na função tradicional e dominante – espaço destinado ao fluxo – às vezes se transforma e vira outras coisas: vira casa (SANTOS e VOGEL, 1985), vira trajeto devoto em dia de procissão, local de protesto em dia de passeata, de fruição em dia de festa, etc. Às vezes é vitrine, outras é palco, outras ainda lugar de trabalho ou ponto de encontro. (...) Se esta é a rua que interessa – sem esquecer a dura realidade da vida cotidiana nos grandes centros urbanos, já apontada – então fica claro que se está falando não da rua em sua materialidade, mas em experiência da rua (...).

E porque está-se falando não da rua em si, mas de experiência da rua, então é possível também descobrir onde, em meio ao caos urbano, ela se refugiou – já não como espaço de circulação mas enquanto lugar e suporte de sociabilidade. Talvez se descubra, por exemplo, que para determinados grupos e faixas etárias e em determinados horários seja o espaço do shopping-center que ofereça a experiência da rua; para outros, recantos do centro como galerias e imediações de certas lojas é que constituem o local de encontro, troca e reconhecimento; na periferia, um salão de baile nos fins de semana, ou a padaria no final do dia são os pontos de aglutinação;

às vezes, um espaço é hostil ou indiferente durante o dia, mas acolhedor à noite. E assim por diante.

Evidencia-se que a cidade não é apenas hostil aos straight edges pois é a partir delas que eles pensam em uma mudança na sociedade. As letras demonstram crítica aos temas abordados, mas também colocam possibilidades de mudança. Ou seja, não há um desejo de fuga da cidade para outro local. Conforme mostra-nos Chris e Gibson (2001), muitos estilos musicais colocavam o sofrimento nas grandes cidades. Porém, diferentemente dos straight edges, os músicos desses estilos, ao colocarem as dificuldades passadas na metrópole, optam por resgatar uma memória do lugar que vieram ou imaginar um lugar melhor para se viver.

O mesmo não podemos dizer das canções straight edges que analisamos acima. Nelas é sempre ressaltada a luta e a “correria” para se superar as adversidades. Percebe-se um desejo de permanência da cidade, pois é nela também que é possível que eles desenvolvam suas práticas e valores. A este ponto, ressaltamos aqui, mais uma vez, a metáfora da ponte na canção da banda Point Of No Return. É possível ver que a mudança para os membros da banda pode acontecer pelas mesmas estruturas já existentes da sociedade. É interessante ver como isso se constrói tanto por uma construção mental, no caso a letra, como também sensorial ou material, como vimos nos exemplos dos lugares utilizados pelos straight edges no segundo capítulo.

Mesmo a indiferença dos indivíduos frente as desigualdades da cidade colocadas nas letras das canções que, conforme Simmel (2009), é o caráter blasé (forma de espírito incondicional na grande cidade), pode ser superada. E isso também nos remete a aparente positividade que se ressaltava dos straight edges em relação ao início do punk.

Para que essas mudanças possam vir a acontecer é também interessante notar o destaque que os straight edges paulistanos dão a cena que participam. Diversas foram as canções que ressaltavam o fato da cena ter que continuar, ter que crescer, os lugares não pertencerem somente a algum grupo de pessoas e a importância de se estar sempre presente para que ela continue. Isso denota a importância do lugar e dos lugares da/na cidade para os straight edges. Ele indica tanto as lutas, os conflitos, quanto as possibilidades de superação, as amizades, os afetos. Melo (2005, p. 2), em sua justificativa para entender a cidade do Rio de

Janeiro a partir das composições populares, define o lugar de maneira similar a encontrada em nossa pesquisa, por intermédios das letras das canções straight edges:

O lugar (ou lar), nas mais diversas escalas, integra um mundo filosófico e vivido, existencial e coletivo, de enraizamentos, fé e conagração tecido por meio da permanência, o estoque de conhecimento, a herança cultural e envolvimento que conduzem à posse e a afeição denotando pertencimento, aconchego e intimidade, mas também lutas e glórias, enfim, uma "morada familiar" ou lar, por excelência, seja ao nível individual, seja público, compartilhado e forjado por intermédio de edificantes significados.

4 Considerações Finais

Pretendemos apresentar neste trabalho a construção da identidade Straight Edge na cidade de São Paulo, através da categoria geográfica do lugar. Percebemos que, ao explicar os lugares elegidos pelos straight edges como pontos de encontro, representativos de sua identidade ou mesmo de memória, constituem um circuito bem delimitado e localizado na cidade. O circuito é necessário para a manutenção da identidade, como um verdadeiro “suporte” da música Straight Edge, conforme colocado por O’Connor (2002) na definição de cena. Por isso, tivemos o cuidado de ressaltar a sua extensão, não girando em torno apenas de lojas de discos e camisetas. Como os straight edges paulistanos adotam outras práticas e posturas que vão além da música, o circuito deve suprir estas suas necessidades. É apenas com este circuito bem definido que se pode constituir um grupo Straight Edge na cidade, pois ele torna possível a materialização de suas ideias. Desta forma, evidenciamos os straight edges paulistanos como uma identidade territorial, conceito proposto por Haesbaert (2013).

Cabe lembrar que este circuito Straight Edge de São Paulo é formado por lugares que possuem diferentes formas de simbolismo, representatividade e importância para os straight edges. Desta forma, destacamos, conforme Souza (2007) a diferença dos lugares de uso exclusivo dos straight edges para os lugares compartilhados com outros grupos de jovens. O lugar que, de fato, representa os straight edges em São Paulo são os eventos da Verdurada, que nos últimos anos se tornaram nômades na cidade, sempre escolhendo o centro da cidade. Porém, não podemos dizer que sua importância é devida apenas a seu uso exclusivo, já que existem diversas tentativas do coletivo organizador do evento de colocar em discussão outras pautas que não são exclusivas do grupo. A própria participação de KL Jay no último Verdurada reflete esta preocupação. O Straight Edge, com suas práticas muito específicas, acaba se tornando uma identidade de muito contato com outros grupos da metrópole, sejam pelos lugares comuns ou por seus ideais.

Embora tenhamos tratado os lugares straight edges e a formação do circuito em São Paulo das letras de suas músicas separados em dois capítulos, estas análises são mutuamente complementares. Isto porque os straight edges passam

nas letras analisadas em nosso estudo a visão de uma identidade contemporânea na e sobre a cidade. Esta visão, numa espécie de literatura musicada, conforme Panitz (2010), remete a uma expressão de vontades, sentimentos, ligações, percepções e sentido a respeito da cidade e que nela ocorrem. Porém, esta visão só pode ser entendida se entendermos como e onde os straight edges têm a sua experiência de lugar.

Esta experiência é adquirida no circuito. Embora as letras tenham um aspecto individual de seus autores, elas podem ser elucidativas, quando tomadas em conjunto, de como se propõem as questões da identidade na cidade. Conforme Ramiro (2006, p. 24), isto “(...) refere-se basicamente a uma maneira peculiar de agir, pensar e estar no mundo, as quais só podem ser percebidas se, juntamente com as práticas sociais do sujeito, pudermos captar o universo simbólico no qual estão inseridos (...).

Portanto, são lugares elegidos pelos straight edges que formam um circuito na cidade, vista como lugar pelos próprios straight edges. Se antes havíamos ressaltado a escala com que diferentes grupos adotam um sentido de lugar, de acordo com Shamai (1991), agora estamos ressaltando um salto de escala espacial da categoria lugar. Tuan (1975) demonstra as diversas escalas espaciais da experiência do lugar, como a residência (casa), o bairro, a cidade, a região e a nação:

Experience constructs place at different scales. The fireplace and the home are both places. Neighborhood, town, and city are places; a distinctive region is a place, and so is a nation. Common usage sanctions the application of the word "place" to phenomena that differ greatly in size and in physical character. What do the fireplace, the corner drugstore, the city, and the nation-state have in common? They are all centers of meaning to individuals and to groups⁴⁷.

O que este estudo nos pode mostrar é que existe uma cidade de São Paulo, que é vivenciada e experimentada de diferentes formas pelos seus diferentes grupos constituintes. Em nosso trabalho, nossa análise se restringiu ao Straight Edge, mas

⁴⁷ “Experiência constrói lugares de diferentes escalas. A lareira e a casa, ambos são lugares. Vizinhança, cidades pequenas e cidades grandes são lugares; uma região distinta é um lugar, assim como é a nação. O uso comum aprova a aplicação da palavra ‘lugar’ para fenômenos que muito diferem em tamanho e caráter físico. O que a lareira, a farmácia da esquina, a cidade e o Estado-Nação têm em comum? Todos são centros de sentido para indivíduos e para grupos”.

Magnani (2012) demonstra como essas diferentes identidades acabam construindo uma cidade e tendo uma visão particular da cidade. Isso serve para avançarmos além das explicações meramente econômicas. Por exemplo, quando ponderamos que os straight edges preferem morar na Rua Augusta ou em seu entorno para estarem mais próximos das atividades e de seu circuito, isto entra em contradição de que o nível de renda do indivíduo é em função de sua localização, como colocado por Santos (1979). Da mesma forma, mostra outras possibilidades geradas na cidade de São Paulo para lazer, encontro e consumo, para além de uma determinação econômica.

Na descrição das letras straight edges das bandas paulistanas presenciamos que a cidade exhibe suas contradições, ao passo que também suas virtudes e possibilidades. Por meio de seu circuito localizado prioritariamente no Centro da cidade, é presenciada a riqueza e a pobreza muito próximas, a violência, as disputas territoriais, o descaso e a indiferença. Por outro lado, consegue mostrar também a possibilidade de uma nova forma de se utilizar a rua, novas possibilidades de práticas e consumos refletidas nos lugares e a virtude de se conseguir congregar diferentes identidades contemporâneas em constantes trocas de experiências.

5 Bibliografia

APFEL RESTAURANTE. Site oficial. Disponível em: <<http://www.apfel.com.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

APFEL RESTAURANTE VEGETARIANO. Facebook oficial: Restaurante vegetariano e vegano. Disponível em: <<https://www.facebook.com/restauranteapfel?fref=ts>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

A.Y.F. Band's Crew Hardcore Compilation Volume 1, The. Tudo aquilo que não mata o poder é morto por ele. Elephant Records, CD, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.

BAZAR VEGANO. Facebook oficial. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Bazar-Vegano/309920082423102?fref=ts>>. Acesso em: 12 de dez. 2014.

_____. Site oficial. Disponível em: <<https://obazarvegano.wordpress.com/>>. Acesso em: 12 dez. de 2014.

BITTENCOURT, João Batista de Menezes. Tatuando territórios: sobre a produção das marcas corporais no universo straightedge. In: XI CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS: DIVERSIDADE E (DES)IGUALDADES. Universidade Federal da Bahia, Salvador, Agosto de 2011.

_____. **Nas encruzilhadas da rebeldia**: Uma etnocartografia dos straightedges em São Paulo. 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

BOSSÉ, Mathias Le. As questões de identidade em geografia cultural - algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia Cultural**: uma antologia, volume II. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia Cultural**: uma antologia, volume II. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

CASTRO, Daniel de. Geografia e Música: a dupla face de uma relação. **Revista Espaço e Cultura da Universidade Estadual do Rio de Janeiro**, nº 26, Rio de Janeiro, Julho/Dezembro de 2009.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Trad: Luís Fugazzola Pimenta, Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 4ª ed., 2014.

CONNEL, John; GIBSON, Chris. **Sound tracks: popular music, identity and place**. Routledge Taylor & Francis Group, Great Britain, 2001.

DAYS OF SUNDAY. Bandcamp oficial da banda. Disponível em: <<http://daysofsunday.bandcamp.com/track/n-o-pare-2>>. Acesso em: 23 dez. 2014.

DECIBÉIS ALTERNATIVOS. Disponível em: <<http://decibeisalternativos.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

DISCARGA, Happy night eletric experience. Gravadora Laja Records, CD, 2002.

_____. Música para Guerra. Gravadora Laja Records, CD, 2008.

_____. Sem remorso. Gravadora Laja Records e Liberation, CD, 2003.

FERNANDES, Anedmafer Mattos. **O lugar e o som: estudo geográfico da “música guarani” – reflexões a partir do ensino**. 2012. 165 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados (MS), 2012

GARCIA, Walter. Sobre uma cena de “Fim de semana no parque”, do Racionais MC’s. **Revista do Instituto de Estudos avançados da Universidade de São Paulo**, volume 25, nº 71, São Paulo, 2011.

GLOBO NEWS. Entrevistador: Caco Barcelos. Straight Edge na Globo News. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CBIEGXuqjlk>>. Acesso em 10 nov. 2014.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Trad. Dentzien, Plínio. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed., São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GOOD INTENTIONS. Bandcamp oficial da banda. Disponível em: <<https://xgoodintentionsx.bandcamp.com/>>. Acesso em: 23 dez. 2014.

GONZAGA, Yuri. Veg Blog Folha: SP terá bazar vegano neste domingo. Disponível em: <<http://veg.blogfolha.uol.com.br/2014/09/12/sp-tera-bazar-vegano-neste-domingo/>>. Acesso em: 13 set. 2014.

GUDOLLE, Fábio. **Teoria musical: os elementos básicos de uma canção**. Disponível em: <http://whiplash.net/materias/news_817/199271.html>. Acesso em: 07 abr. 2015.

HAENFLER, Ross. Rethinking Subcultural Resistance: Core Values of the Straight Edge Movement. **Journal of Contemporary Ethnography**, Vol. 33, No. 4, August, 2004.

_____. **Straight-edge**: clean living youth, hardcore punk, and social change. Rutgers University Press, United States, 2006.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia Cultural**: uma antologia, volume II. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

_____. Território e multiterritorialidade: um debate. Universidade Federal Fluminense. **Revista GEOgraphia**, vol. 9, nº 17, ano IX, Rio de Janeiro, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 1998.

HANCOCK, Black Hawk; Lorr, Michael J. More than just a soundtrack: Toward a technology of the collective in hardcore punk. **Journal of Contemporary Ethnography**, Vol. 42, 2013.

HARDCORE NAS RUAS. Facebook oficial. Disponível em: <<https://www.facebook.com/hardcorenasruas?fref=ts>>. Acesso em: 02 mar. 2015.

HOLZER, Werther. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar**: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI. 1998. Tese (Doutorado em Geografia)

- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

INFECT. Estrépito (Full album). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D3m05cFFanw>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

_____. Indelével (Full album). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Aq_0QbLz88>. Acesso em: 10 jan. 2015.

INIMIGO, O. Imaginário Absoluto (Full album). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=d37jgyJKLqg>>. Acesso em: 11 jan. 2015.

KRUSE, Holly. **Local Identity and Independent Music Scenes, Online and Off. Popular Music and Society**, 33:5, Routledge, London, United Kingdom, 2010.

LAHICKEY, Beth. **All ages: Reflections on Straight Edge**. Revelation Records Publishing, 1997.

LOJA 255. Facebook oficial: loja sazonal. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Loja255?fref=tsc>>. Acesso em: 16 dez. 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. ANPOCS, vol. 17, nº 49, São Paulo, 2002.

_____. **Rua, símbolo e suporte da experiência urbana**. Versão revista e atualizada do artigo “A rua e a evolução da sociabilidade”, 1993. Disponível em: <http://nau.fflch.usp.br/artigos>. Acesso em: 15/11/2014.

_____. Transformações na Cultura Urbana das grandes metrópoles. Originalmente publicado em “Sociedade Global: Cultura e Religião”, 1998. Disponível em: <<http://nau.fflch.usp.br/artigos>>. Acesso em: 15/11/2014.

MALHANGA. Teoria musical – parte 3. Disponível em: <http://www.malhanga.com/musica/Teoria%20Musical_pag3.html>. Acesso em: 07 abr. 2015.

MASSEY, Doreen. Power-geometry and a progressive sense of place. In: **Mapping the futures**: local cultures, global change. Org. Bird, Jon et al. Routledge, 2005.

MATILHA CULTURAL. Facebook Oficial: Comunidade. Disponível em <<https://www.facebook.com/pages/MATILHA-CULTURAL/334373605225?fref=ts>>. Acesso em: 03 jan 2015.

_____. Site oficial. Disponível em: <<http://www.matilhacultural.com.br/>>. Acesso em: 03 jan 2015.

MELÃO, Cesar Augusto. **O punk sob o olhar da mídia**: um estudo léxico-discursivo. 2013. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MELO, João Baptista Ferreira de. Certos Versos e múltiplos tons sobre lugar, amizade e identidade no Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005.

MINOR THREAT. "Straight Edge". Minor Threat, Dischord Records, EP, 1981.

_____. "Out of Step". Out of Step, Dischord Records, CD, 1983.

MULLANEY, Jamie L. All in time: Age and the temporality of authenticity in the Straight-Edge music scene. **Journal of Contemporary Ethnographic**, Vol. 41, No. 06, 2012.

NO VIOLENCE. "Todas as frentes". Invencível, Cospe Fogo Gravações, CD, 2004.

NEV (Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo). Disponível em: <http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com_content&task=view&id=2072&Itemid=193>. Acesso em: 20 abr. 2015.

O' CONNOR, Alan. **Local scenes and dangerous crossroads**: punk theories of cultural hybridity. *Popular Music*, vol.21, Issue 02, May 2002.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, Prefeitura da cidade de São Paulo. **Olhar São Paulo**: violência e criminalidade. Departamento de Estatística e Produção de Informação (DIPRO), 2008.

PANITZ, Lucas Manassi. **Por uma geografia da música: o espaço geográfico da música popular platina**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

PERSONAL CHOICE. “Vegan Choice”. Days of Trust, Teenager in a Box, CD, 1996.

POINT OF NO RETURN. Liberdade imposta, liberdade conquistada. Gravadora Liberation, CD, 2000.

_____. Centelha. Gravadora Liberation, CD, 2000.

PORÃO BRAZIL. **JULI e uma curiosidade sobre o hardcore dos anos 90**. Disponível em: <<http://www.poraobrazil.com/home/juli-e-uma-curiosidade-sobre-o-hardcore-dos-anos-90/>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

QUESTIONS. Canal oficial no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/questionstv>>. Acesso em: 03 jan. 2015.

RAMIRO, Patrícia Alves. Identidade e pobreza: buscando caminhos para interpretação da vida na cidade. In: LUCENA, Célia Toledo; GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. **Discutindo identidades**. São Paulo: Editora Humanitas, 2006.

REIA, Jhessica. Meninas para frente: música, novas tecnologias e questões de gênero no straightedge. VI CONGRESSO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Outubro de 2013.

RIBEIRO, Claudia Regina Vial. **Espaço-vivo**: as variáveis de um espaço-vivo investigadas na cidade de Diamantina, do ponto de vista dos músicos. 2006. Tese (Doutorado em Geografia) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

RUÍDO DAS MINAS. Documentário. Direção: Filipe Sartoreto. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8EEGZUz2jl0>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido**: os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes, 1979.

SELF CONVICTION. "Unbroken Feelings". A war to show that peace means justice for, Liberation, CD, 1998.

SHAMAI, Shmuel. Sense of Place: an empirical measurement. **Geoforum**, vol. 22, no. 3, Pergamon Press, Great Britain, 1991.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito**. Trad. Artur Morão. Coletânea Artigos LusoSofia, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2009.

SOUZA, Bruna Mantese de. Straight Edges e suas relações na cidade. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de. **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

SUB, Coletânea. Estúdios Vermelhos, LP, 1983.

TEEN IDLES. Minor Disturbance, Dischord Records, CD, 1980.

THE RECORDS. Facebook oficial. Disponível em: <<https://www.facebook.com/loja.therecords>>. Acesso em: 16 dez. 2014.

TORRES, Marcos Alberto e KOZEL, Salete. A paisagem da Ilha dos Valadares: percepção e memória na construção do espaço. In: DELOIZY, Francine Barthe; SERPA, Angelo. **Visões do Brasil**: estudos culturais em geografia. Salvador: EDUFBA, 2012.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. Literature and Geography: implications for geographical research. In: LEY, David; SAMUELS, Marwyn. **Humanistic Geography**: prospects and problems. Routledge, New York, United States, 2014.

_____. Place: An Experiential Perspective. **Geographical Review**, vol. 65, nº 2, April 1975.

_____. Space and Place: humanistic perspective. In: Gale S. and Olsson, G. (org.). **Philosophy in Geography**. Dordrecht, Reidel, 1979.

TURRA NETO, Nécio. **Enterrado vivo**: Identidade punk e território em Londrina. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

TV CULTURA. Programa Pé na Rua. Pé na Rua – Straight Edges. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t9k-geWFqaw>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

VEGACY COZINHA VEGETARIANA. Facebook oficial: Alimentação e mercearia. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Vegacy?ref=ts&fref=ts>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

VEGGIE LIFE STORE. Facebook oficial: loja de acessórios. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Veggie-LIFE-Store/542941855758094?fref=ts>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

_____. Site oficial. Disponível em: <<http://www.veggielifestore.com.br/>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

VERDURADA. Facebook oficial Disponível em: <https://www.facebook.com/Verdurada?ref=ts&fref=ts>. Acesso em: 25 mar. 2015.

_____. Site oficial. Disponível em: <http://www.verdurada.org/>. Acesso em: 25 mar. 2015.

VIVENDO DE ROCK NO ESPÍRITO SANTO: Documentário e Cultura Underground. Direção: Mila Neri, 2006. Disponível em: <<https://vimeo.com/9297682>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

WERLEN, Benno. Regionalismo e sociedade política. Tradução: Haesbaert, Rogério. **Revista GEOgraphia**, vol. 2, no. 4, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2000.

WILLIAMS, J. Patrick. Authentic Identities: Straightedge subculture, music and the internet. **Journal of Contemporary Ethnographic**, Vol. 35, No. 02, April, 2006.

ZONA PUNK. **Segunda edição do Hardcore nas Ruas leva shows e conscientização ao centro de SP**. Disponível em: <<http://zp.blog.br/?m=news&id=25811>>. Acesso em: 03 abr. 2015.